



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

JOÃO PEDRO DE SOUZA BARROS SANTORO LUQUES

**DO PROLETARIADO EM FARRAPOS AOS PANTERAS  
NEGRAS:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O CONCEITO DE  
LUMPEMPROLETARIADO**

---

Londrina  
2021

JOÃO PEDRO DE SOUZA BARROS SANTORO LUQUES

**DO PROLETARIADO EM FARRAPOS AOS PANTERAS  
NEGRAS:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O CONCEITO DE  
LUMPEMPROLETARIADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Eliel Ribeiro Machado.

Londrina  
2021

LUQUES, JOAO DE SOUZA BARROS SANTORO.

Do proletariado em farrapos aos Panteras Negras: contribuições para um conceito de lumpemproletariado / JOAO DE SOUZA BARRÓS SANTORO LUQUES. - Londrina, 2021.  
83 f.

Orientador: Eliel Ribeiro Machado.  
Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2021.  
Inclui bibliografia.

1. Classes Sociais - Tese. I. Machado, Eliel Ribeiro. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

CDU 316

JOÃO PEDRO DE SOUZA BARROS SANTORO LUQUES

**DO PROLETARIADO EM FARRAPOS AOS PANTERAS  
NEGRAS:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O CONCEITO DE  
LUMPEMPROLETARIADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Eliel Ribeiro Machado  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Danilo Enrico Martuscelli  
Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

---

Prof. Jair Pinheiro  
Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília

Londrina, 25 de outubro de 2021.

## AGRADECIMENTOS

Ao programa de pós-graduação em sociologia da Universidade Estadual de Londrina.

À Capes pela bolsa fornecida.

Ao meu orientador Eliel Machado.

Ao Grupo de Estudos de Política da América Latina

A todos que de maneira direta ou indireta me ajudaram na escrita dessa dissertação.

LUQUES, João Pedro de Souza Barros Santoro. **Do proletariado em farrapos aos Panteras Negras**: contribuições para o conceito de lumpemproletariado. 2021. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (mestrado em sociologia) - Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019-2021.

## RESUMO

Tendo em vista a produção relativamente escassa (no que tange à tradição marxista) sobre o conceito de lumpemproletariado, procuramos neste trabalho responder à seguinte questão: como ele se origina no pensamento de Marx e Engels e como ele se desenvolve (com modificações, rupturas) conforme é mobilizado para pensar contextos diferentes do qual ele fora formulado? Para isso, sempre nos valendo de análises da formação social na qual o conceito foi formulado como chave de leitura para interpretar sua construção teórica, buscamos nesta dissertação: 1) reconstruir como o conceito é formulado originalmente por Marx e Engels (primeiro capítulo); 2) reconstruir como o conceito passa a compor as reflexões de intelectuais que pensaram sobre formações sociais na periferia do sistema capitalista (principalmente Mao Tse-Tung e Frantz Fanon) (segundo capítulo); 3) reconstruir como o conceito, já modificado por Mao e Fanon, é novamente modificado através das reflexões dos intelectuais do Partido dos Panteras Negras em sua tentativa de compreender a realidade estadunidense (terceiro capítulo). Além disso, ao longo deste processo, buscaremos fornecer elementos para a construção de um conceito de lumpemproletariado.

**Palavras chave:** lumpemproletariado; classes sociais; Panteras Negras; marxismo; lutas de classes.

LUQUES, João Pedro de Souza Barros Santoro. **Do proletariado em farrapos aos Panteras Negras**: uma história do conceito de lumpemproletariado. 2021. 81 p. Trabalho de Conclusão de Curso (mestrado em sociologia) - Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019-2021.

### **ABSTRACT**

In view of the relatively scarce academic production about the concept of lumpenproletariat, we seek, in the present work, to answer the following question: how the concept emerged in Marx and Engels' thought, and how it developed in order to afford interpretations of social formations different from which it was originally formulated? So, always using the analysis of the different social formations in which the concepts were formulated as our "heuristic tool", we intend to: 1) reconstruct the concept as it was originally formulated by Marx and Engels (first chapter); 2) reconstruct how it comes to integrate the reflexions of intellectuals who thought about social formations in the periphery of the capitalist mode of production (Frantz Fanon and Mao Tse-Tung) (second chapter); 3) reconstruct how the concept is once again modified by the members of the Black Panther's Party in order to interpret the American reality (third chapter). Moreover, we also intend to provide some elements in order to support the construction of the concept of lumpenproletariat.

**Key words:** lumpenproletariat, Black Panther's Party; social class; class-struggle; marxism.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1: O NASCIMENTO DO CONCEITO DE LUMPEMPROLETARIADO .....</b>	<b>12</b>
2.1	Introdução .....	12
2.2	Gênese histórica do lumpemproletariado .....	13
2.3	Formulações de Marx e Engels sobre o lumpen .....	20
2.4	Os julgamentos morais de Marx e Engels .....	24
2.5	Subindo o nível de abstração: o lumpen em O Capital.....	26
2.6	O conceito de lumpen em Kautsky .....	27
2.7	O conceito de lumpen para os bolcheviques.....	31
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2: DO CENTRO À PERIFERIA... O CONCEITO DE LUMPEMPROLETARIADO ADAPTADO ÀS REALIDADES CHINESA E AFRICANA .....</b>	<b>35</b>
3.1	Marx e a adaptação do marxismo às particularidades da periferia do sistema .....	35
3.2	A Revolução Russa e a difusão do marxismo para o terceiro mundo .....	37
3.3	Mao Tse-Tung pensando o lumpen e o socialismo chinês .....	39
3.4	Frantz Fanon e o lumpemproletariado .....	42
3.5	Marx e Engels, Mao e Fanon: diferenças e aproximações .....	46
3.6	Fanon e a economia libidinal do lumpemproletariado .....	49
3.7	Fanon anarquista? .....	51
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3: E DA PERIFERIA AO CENTRO. OS PANTERAS NEGRAS E O CONCEITO DE LUMPEMPROLETARIADO ADAPTADO À REALIDADE ESTADUNIDENSE.....</b>	<b>54</b>
4.1	Da Argélia para Oakland: adaptação do conceito de “lumpen” por parte dos Panteras Negras .....	51
4.2	Racismo e formação do lumpen estadunidense .....	57
4.3	Organizando uma classe dividida: a classe-povo, ou da correta resolução das contradições no seio da classe .....	61
4.4	Política identitária e dissolução da classe-povo.....	65

4.5	Militando no seio do lumpen: especificidades táticas .....	67
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>72</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>75</b>

## 1 Introdução

Em fins de 2018, ao caminhar pelo Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina (UEL) para mais uma aula do curso de Ciências Sociais, me lembro de me deparar com algo que não fazia parte da paisagem universitária padrão: bem no meio do centro estava estacionado uma espécie de caminhão completamente abarrotado de livros. Era uma daquelas livrarias itinerantes que algumas vezes por ano fazem parada na UEL. Entrei na hora. Na época estava bastante curioso sobre as experiências do marxismo em países da periferia do capitalismo e estava decidido a encontrar algum livro sobre o tema. Saí com um livro denominado *Desafios Contemporâneos da África: O legado de Amílcar Cabral*. Uma coletânea de escritos sobre Cabral (principal líder das lutas de independências das colônias portuguesas em África) sob o selo da editora Unesp. Dentre os artigos que ali se reuniam, me deparei com um que teria um papel fundamental para o início dessa pesquisa, o artigo de Ibrahim Abdullah denominado *Cultura, consciência e conflito armado: os déclassés (lumpemproletariado?) de Cabral na era da globalização*. Ali, li algumas passagens marcantes e muito importantes para a formulação de meu problema de pesquisa:

Da Somália até a Serra Leoa, da Libéria à República Democrática do Congo, da região dos Grandes Lagos até o Sudão e a Etiópia, os jovens e as crianças que portavam AK 47 e montavam foguetes de granada não eram filhos e filhas da elite. Ao contrário, diferenciavam-se do resto da população de crianças e jovens pelo fato de compartilharem uma característica subcultural específica ou por virem de uma área geográfica determinada. Designados grosso modo como jovens marginais ou lumpens, podem ser encontrados em todas as grandes cidades africanas. Na África do Sul, são chamados de *tsotsis*; na Libéria, de meninos *granah*; na Serra Leoa, de jovens *rarray*; na Nigéria, de garotos da área (*omo jaguda*); Na Somália, de *moryham*; e em Zâmbia, de *kaponye* (ABDULLAH, 2012, p. 157-158).

Ou ainda:

Como dar conta do predomínio do recrutamento forçado, do alistamento coagido, do rapto, dos saques onipresentes, estupros, do uso excessivo de drogas e do terror irrestrito nas guerras dos *sans culottes* da década de 1990? Como explicar esses acontecimentos que estavam claramente ausentes nas guerras de libertação contra a dominação do colonizador no Sul da África, na guerra de independência da Eritreia, no Exército de Resistência Nacional [NRA, National Resistance Army] de Uganda da década de 1980 e no Sudão antes dos anos 1990? (ABDULLAH, 2012, p. 156).

Impactado pelas passagens acima (e também pelo início do meu contado com a obra de Frantz Fanon), comecei a me colocar a seguinte questão: como é possível que grupos

sociais que foram ‘ponta de lança’ nos processos de libertação em África, duas ou três gerações depois, degeneraram em bandos armados completamente despolitizados?

Bom, passado um certo tempo e tendo aprofundado minha leitura sobre o tema, percebi que, para o campo marxista, esses “grupos sociais” que tanto oscilaram politicamente tem nome (um nome, inclusive, já conhecido por mim): *lumpemproletariado*. Percebi também que, dentro do continente teórico descoberto por Marx, a questão do lumpemproletariado representa um território ainda bastante pouco explorado<sup>1</sup> e pouco conhecido. Assim, o que essa pesquisa propõe é pensar como se origina o conceito de lumpemproletariado na tradição marxista e por quais mudanças ele passa conforme é mobilizado para a análise de realidades diferentes da de seu contexto inicial de formulação. Enfim, o que é o conceito de lumpemproletariado?

Mais especificamente, o que pretendemos com nossa pesquisa é fazer o que consideramos o mais prudente frente a um terreno teórico ainda virgem ou pouco explorado: *mapear e sistematizar*. Ou seja, procuramos reconstruir o desenvolvimento histórico do conceito de lumpemproletariado, pensando suas rupturas, adaptações e modificações. Para isso, dividimos essa dissertação em três capítulos, nos quais buscamos respectivamente: 1) Reconstruir o conceito tal como ele foi formulado por Marx e Engels e colocá-lo no seu contexto histórico. O que envolve uma polêmica com diversas interpretações que desprezam esse conceito rotulando-o como uma mera categoria moral; 2) Mostrar como esse conceito que surge na Europa é apropriado e desenvolvido por teóricos dos países da periferia do sistema capitalista (principalmente Mao Tse-Tung e Frantz Fanon); 3) Mostrar como tal conceito fez também o movimento contrário, de volta da periferia do sistema para o centro, ou seja, como as interpretações do Partido dos Panteras Negras bebem na fonte de Mao Tse-Tung e Frantz Fanon para, desenvolvendo-as, criar formulações originais sobre a realidade estadunidense. Além disso, durante toda a dissertação buscamos fornecer elementos para contribuir para a formulação do conceito de lumpemproletariado.

---

<sup>1</sup> Uma rápida pesquisa realizada por nós, em 16/05/2019, no portal de periódicos da CAPES, não nos deixa mentir sobre este fato. Enquanto os termos “proletariado” e “classe trabalhadora” nos deram respectivamente 3.089 e 2.900 resultados, o termo “lumpemproletariado” nos deu apenas 33 resultados. E tal fenômeno não é privilégio dos países lusófonos, também na língua inglesa a discrepância de resultados é significativa: respectivamente 3.207.152 e 57.322 resultados para os termos “working class” e “proletariat” e 2.410 resultados para o termo “lumpenproletariat”.

Ao longo desta pesquisa analisamos diversas fontes primárias no que tange às formulações dos autores selecionados (ou seja, textos de Marx e Engels, Fanon, Mao Tse-Tung etc.), fontes essas que incluíram artigos de jornais, discursos, livros etc. Para interpretá-las, nossa principal (mas não única) chave de leitura é a relação entre a produção teórica sobre o lumpen e o contexto das formações sociais particulares a partir das quais os autores se valeram, tanto para formular os conceitos (Marx e Engels) quanto para tencioná-los, modificá-los e adaptá-los (Mao, Fanon, Panteras Negras etc.). Para isso, nos valem de diversas fontes secundárias sobre tais contextos históricos (livros de história, biografias, artigos científicos etc.). Ou seja, nosso método consistiu-se na abordagem já consagrada pela análise do discurso que propõe a interpretação de documentos a partir de seu contexto social, político e ideológico. Usando justamente estes contextos como chave interpretativa.

Sem mais delongas metodológicas, “chega um ponto em que os métodos devoram a si próprios”<sup>2</sup> (FANON, 2015, p. 9, tradução nossa).

---

<sup>2</sup> No original: “Il y a un point où les méthodes se résorbent”.

## 2. Capítulo 1: O nascimento do conceito lumpemproletariado

*One divides into two (BADIOU et al, 2011, p. 60).*

No presente capítulo buscamos expor o conceito de lumpemproletariado tal como foi formulado por Marx e Engels, bem como seu posterior desenvolvimento por Karl Kautsky e por alguns intelectuais bolcheviques. Para isso, começamos com uma recapitulação histórica da formação do lumpen europeu para, em seguida, sob a luz dessas considerações observar como o conceito é formulado nas obras dos autores em questão. Além disso, ao longo do capítulo defendemos uma definição própria para o conceito: *lumpen enquanto um duplo deslocamento* (deslocamento da produção capitalista e dos Aparelhos Ideológicos de Estado burgueses).

### 2.1 Introdução

Seguem algumas citações que, a nosso ver, sintetizam de maneira ilustrativa o juízo de (grande) parte da produção acadêmica sobre o conceito de lumpemproletariado:

“[...] “lumpemproletariado” não correspondia a uma categoria analítica, mas sim a uma categoria moral” (VAN DER LINDEN, 2013, p. 63).

“Marx e Engels, percebendo a existência de uma classe social importante, mas mal definida, e irritados pelo seu papel frequentemente traiçoeiro, tenderam a fazer um julgamento ético ao invés de uma análise marxista de seu papel na sociedade capitalista e na luta revolucionária<sup>3</sup>” (FRANKLIN, 2014, tradução nossa).

“[...] a descrição marxiana do lumpemproletariado oferece imagens vívidas e metáforas notáveis, mas ela deixa a desejar no que tange a um genuíno poder analítico e não é particularmente útil para determinar no que fundamentalmente ele consiste<sup>4</sup>” (BUSSARD, 1987, p. 687, tradução nossa).

---

<sup>3</sup> No original: “Marx and Engels, perceiving the existence of an important but ill-defined social class and angered by the treacherous role often played by that class, tended to make an ethical judgement rather than a Marxist analysis of its role in capitalist society and revolutionary struggle”.

<sup>4</sup> No original: “[...] the Marxian description the Lumpenproletariat offers vivid imagery and striking metaphors, but lacks genuine analytical power and is not particularly helpful in determining of the underlying nature of what, exactly, it is”.

"Eu argumentaria que as delimitações feitas por Marx sobre o proletariado não seguiram sempre o desenvolvimento lógico de sua crítica da economia política, que seus impulsos morais, cogitações e vontades políticas provavelmente tiveram um importante papel em suas considerações" (VAN DER LINDEN, 2013, p. 60).

"No seu nível mais básico, o lumpemproletariado é um mecanismo de Marx para liberar seu conceito de proletariado da imagem burguesa de uma ralé descontrolada"<sup>5</sup> (THOBURN, 2002, p. 439, tradução nossa).

Como mostram as citações acima, reina no meio acadêmico uma espécie de consenso acerca das posições de Marx e Engels sobre o lumpemproletariado de tal maneira que, aquele que se dedicar a ler artigos científicos sobre o tema, muito provavelmente irá se deparar com uma (ou mais) das seguintes teses: "A categoria de lumpemproletariado não provém de uma análise crítica"; "A categoria de lumpemproletariado é, acima de tudo, uma categoria moral"; "Visando defender o proletariado das críticas burguesas e explicar seu comportamento reacionário face a algumas situações, Marx e Engels inventam a ideia de "lumpemproletariado", uma espécie de depósito de lixo teórico ao qual se atribui toda característica que não se quer reconhecer no proletariado".

A nosso ver, tais teses não estão totalmente erradas, mas sim incompletas. Portanto, diferentemente dos que opõe crítica moral e crítica social, o que pretendemos fazer neste capítulo é justificar o valor analítico do conceito de lumpen, e no que diz respeito aos julgamentos morais de Marx e Engels, não os condenar, mas sim compreendê-los através do prisma da luta de classes. Além disso, pretendemos, ainda, discorrer sobre as formulações feitas por pensadores europeus que dão continuidade às reflexões marxianas e engelianas, mais especificamente Karl Kautsky e os teóricos bolcheviques.

## 2.2 *Gênese histórica do lumpemproletariado*

Nem todos, dentro do marxismo, endossam inteiramente a famosa tese de Marx e Engels de que "[até] hoje, a história de toda sociedade é a história da luta de classes" (MARX e ENGELS, 2013, p. 78). Para muitos, *classe social*, pelo menos em seu sentido moderno, é

---

<sup>5</sup> No original: "At a basic level, the lumpenproletariat is Marx's mechanism for freeing up his concept of the proletariat from the bourgeois image of a seething rabble".

um fenômeno que se inicia apenas no século XIX, apenas com o capitalismo, é esse o caso, por exemplo, de Thompson:

É verdade que classe, em sua compreensão moderna, surge no seio da sociedade industrial capitalista do século XIX. Isso é, classe no seu sentido moderno, apenas se torna disponível para o sistema cognitivo das pessoas que viviam naquele tempo. Assim, o conceito não apenas nos permite organizar e analisar a evidência, ele está também, de uma nova maneira, presente na própria evidência. Nós podemos observar, nas industriais Inglaterra, França ou Alemanha, instituições de classe, partidos de classe, culturas de classe etc. Essa evidência histórica, por sua vez, deu origem ao conceito maduro de classe e, em algum nível, o marcou com sua especificidade histórica. (THOMPSON, 1978, p. 148, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Na visão de Thompson, nos modos de produção pré-capitalistas, o fato de os subalternos “[virem-se] a si mesmos e [lutarem] suas batalhas históricas em termos de ‘estados’, ‘categoria’ ou ‘ordem’”<sup>7</sup> (THOMPSON, 1978, p. 148, tradução nossa) compromete significativamente a aplicação do conceito de *classe social* para a análise destas realidades, podendo este ser usado apenas como “categoria heurística”, uma ferramenta que só usamos por não termos nada melhor para colocar no lugar.

A nosso ver, temos um maior ganho analítico se, diferente de Thompson, partirmos, não da ideia de que as classes surgem com o capitalismo, mas da tese de que *as lutas de classe dos trabalhadores assumem formas específicas e inéditas* com o advento do capitalismo (com o capitalismo aparecem, para usar os termos do próprio Thompson, “instituições de classe”, “partidos de classe” etc.). Ou seja, como afirma Boito (2007): “existe, em todas as sociedades de classes, uma correspondência entre, de um lado, a estrutura do modo de produção e, de outro lado, as formas que assumem, e que podem assumir, as práticas de resistência dos trabalhadores” (p. 156). Assim, ao invés de restringir o conceito de classe ao capitalismo, defendemos que a especificidade do modo de produção

---

<sup>6</sup> No original: "It is true that class in its modern usage arises within nineteenth-century industrial capitalist society. That is, class in its modern usage only became available to the cognitive system of the people then living at that time. Hence the concept not only enables us to organize and analyse the evidence; it is also, in a new sense, present in the evidence itself. We can observe, in industrial Britain or France or Germany, class institutions, class parties, class cultures, etc. This historical evidence has in its turn given rise to the mature concept of class and has, to some degree, marked it with its own historical specificity".

<sup>7</sup> No original: “[...] they saw themselves and fought out their own historical battles in terms of ‘estates’ or ‘ranks’ or ‘orders’, etc. [...]”.

capitalista é a emergência, não da luta de classes, mas de uma nova forma desta. Tal abordagem, além de possibilitar o entendimento dos conflitos sociais nos modos de produção pré-capitalistas, tem também a vantagem de não eternizar as formas atuais de lutas de classes, de constantemente nos lembrar de que suas formas atuais são específicas, de nos deixar atentos às novas formas que podem emergir, sempre combinadas, no tempo e no espaço, às formações sociais historicamente determinadas.

No que tange especificamente ao objeto desta dissertação, o lumpemproletariado, nos parece impossível pensar sua gênese na Europa assumindo a posição de Thompson e ignorando o fato de que, "diferente do retrato, típico de livros escolares, que enquadra a sociedade feudal como um mundo estático, no qual cada estado aceitava seu lugar designado na ordem social, a pintura que emerge do estudo dos feudos é a de uma implacável luta de classes<sup>8</sup>" (FEDERICI, 2014, p. 43, tradução nossa). Luta de classes que se prolonga por séculos, com altos e baixos, avanços e recuos.

Aqui, visando pensar a origem do lumpem, começaremos resgatando o último período de grandes vitórias camponesas antes do surgimento do capitalismo, ou seja, o "pós-Peste Negra".

Se o período em si da peste, como bem lembra Foucault (2011), foi um período de vigilância, fiscalização e controle, a época seguinte (o "novo normal") foi um tempo glorioso para as classes dominadas. Uma vez que de 30 a 40% da população europeia pereceu vítima da epidemia, a situação posterior foi a de um aumento brutal no poder econômico e político dos camponeses e artesãos:

Como aponta Christopher Dyer, a escassez de trabalho causada pela epidemia deslocou a relação de poder para o lado das classes mais baixas. Quando a terra era escassa, os camponeses podiam ser controlados pela ameaça de expulsão. Mas, depois que a população fora dizimada e a terra se tornou abundante, essas ameaças já não tinham mais efeito, os camponeses podiam livremente sair e procurar novas terras para cultivar (Dyer 1968:26). Assim, enquanto a colheita apodrecia e o gado vagava sem rumo pelos campos,

---

<sup>8</sup> Traduzido de: "Contrary to the schoolbook portrait of feudal society as a static world, in which each estate accepted its designated place in the social order, the picture that emerges from a study of the feudal manor is rather that of relentless class struggle".

camponeses e artesãos, subitamente, tornaram-se os mestres da situação<sup>9</sup> (FEDERICI, 2014, p. 84, tradução nossa).

Analogamente ao que ocorre no capitalismo, em que a burguesia teme profundamente a possibilidade do pleno emprego devido à conseqüente perda de poder frente à classe trabalhadora, os senhores feudais sofreram uma grande baixa no seu poder por conseqüência do baque populacional. E, para completar seu desespero, muitas vezes, a luta não parava nas meras reivindicações econômicas. “Regiões inteiras se revoltaram, formando assembleias e recriando exércitos. Os camponeses ganhavam audácia. Em algumas ocasiões, os camponeses organizaram bandos, atacaram os castelos dos senhores e destruíram os arquivos onde os registros de sua servidão eram guardados”<sup>10</sup> (FEDERICI, 2014, p. 86-87, tradução nossa). Num período de mais ou menos 100 anos após o fim da peste, a história europeia é saturada de revoltas camponesas (*Guerras Camponesas na Alemanha*, de Engels, retrata justamente um episódio no final deste período). De revoltas camponesas, mas também de evidências de uma imensa prosperidade para as classes dominadas. Os trabalhadores eram pagos todos os dias do ano (mesmo não trabalhando aos domingos), eram alimentados pelos seus senhores e ainda recebiam um valor relativo a seu deslocamento (que aumentava conforme a distância de sua residência em relação ao trabalho) (FEDERICI, 2014). Fora uma era de ouro para os trabalhadores. As classes dominantes, desesperadas, preparavam sua contraofensiva.

A resposta das classes dominantes a esse avanço dos camponeses é múltipla e, indo desde a colonização das Américas à caça às bruxas, vai muito além do escopo de nosso objeto (FEDERICI, 2014). Para nós, interessa um aspecto específico dessa enorme reação: a *expropriação camponesa*. Em resposta ao excesso de terras disponíveis para cultivo, os senhores feudais recorrem justamente à expulsão em massa dos camponeses dessas terras. Os métodos variaram, iam desde aumentos dos aluguéis ou dos impostos para que as pessoas, sem ter como pagar, fossem forçadas a deixar suas terras, ao cercamento de terras comunais

---

<sup>9</sup> Traduzido de: Traduzido de: “As Christopher Dyer points out, the scarcity of labor which the epidemic caused shifted the power relation to the advantage of the lower classes. When land had been scarce, the peasants could be controlled by the threat of expulsion. But after the population was decimated and land became abundant, the threats of the lords ceased to have any serious effect, as the peasants could now freely move and find new land to cultivate (Dyer 1968:26). Thus, while the crops were rotting and livestock wandered in the fields, peasants and artisans suddenly became masters of the situation”.

<sup>10</sup> Traduzido de: Entire regions revolted, forming assemblies and recruiting armies. At times, the peasants organized in bands, attacking the castles of the lords, and destroying the archives where the written marks of their servitude were kept” (FEDERICI, 2014, p. 86-87).

para criação de pastos, acarretando a destruição de vilas inteiras. Enfim, uma reação que operou via “o furto da propriedade comunal, a transformação usurpatória, realizada com inescrupuloso terrorismo da propriedade feudal e clânica em propriedade privada moderna [...]” (MARX, 2013, p. 890). “[Uma] expropriação [que] está gravada nos anais da humanidade com traços de sangue e fogo” (MARX, 2013, p. 875).

Esses ex-camponeses, com fome e sem terras, não tinham outra alternativa a não ser migrar em massa e se acumular nas cidades. “Em todo lugar - se dermos crédito às reclamações das autoridades da época - vagabundos se deslocavam em verdadeiros enxames, mudando de cidades, cruzando fronteiras, dormindo em palheiros ou se acumulando nos portões das cidades [...]”<sup>11</sup> (FEDERICI, 2014, p. 161-162, tradução nossa). E tais miseráveis, apareciam em demasiada quantidade para se acomodar na manufatura nascente. Seu destino era se acumular nas cidades e serem perseguidos pela mais brutal repressão estatal.

Expulsos pela dissolução dos séquitos feudais e pela expropriação violenta e intermitente de suas terras, esse proletariado inteiramente livre não podia ser absorvido pela manufatura emergente com a mesma rapidez com que fora trazido ao mundo. Por outro lado, os que foram repentinamente arrancados de seu modo de vida costumeiro tampouco conseguiam se ajustar à disciplina da nova situação. Converteram-se massivamente em mendigos, assaltantes, vagabundos, em parte por predisposição, mas na maioria dos casos por força das circunstâncias. Isso explica o surgimento, em toda a Europa ocidental, no final do século XV e ao longo do século XVI, de uma legislação sanguinária contra a vagabundagem. Os pais da atual classe trabalhadora foram inicialmente castigados por sua metamorfose, que lhes fora imposta, em vagabundos e paupers. A legislação os tratava como delinquentes “voluntários” e supunha depender de sua boa vontade que eles continuassem a trabalhar sob as velhas condições, já inexistentes (MARX, 2013, p. 890-891).

Assim, acumulam-se nas cidades uma massa de vagabundos que chamamos de plebe:

Essa proto-classe, essa plebe-lumpen, era o grande constituinte dos mais baixos estratos urbanos durante os séculos de transição [do feudalismo para o capitalismo], sem nenhuma divisão clara entre elementos produtivos e elementos não produtivos ou até mesmo parasíticos. Uma classe-lumpen de algum tipo tem acompanhado diferentes sistemas sociais: ela alcança novas

---

<sup>11</sup> Traduzido de: Everywhere — if we give credit to the complaints of the contemporary authorities — vagabonds were swarming, changing cities, crossing borders, sleeping in the haystacks or crowding at the gates of towns — a vast humanity involved in a diaspora of its own, that for decades escaped the authorities' control.

proporções com a decadência do feudalismo<sup>12</sup> (DRAPER, 2011, p. 454, tradução nossa).

Uma massa que, como já foi dito, será brutalmente perseguida pelas mais cruéis leis. Decepção, chicoteamento, escravização, execução, escravização dos filhos, encarceramento, para citar só algumas das punições previstas pela lei da época. Esse vai ser o trágico cenário que marcará a realidade europeia por alguns séculos.

Uma mudança efetiva só ocorrerá, de fato, com o desdobramento da Revolução Industrial. Surgirá no meio urbano uma demanda por uma quantidade massiva de operários, e parte dessa plebe, aos poucos, irá se metamorfosear em proletariado. Outra parte sobrar, não será absorvida pela produção industrial, e será forçada a sobreviver via outros meios (roubo, furto, jogo, prostituição). Nas palavras de Stuart Hall: “a decantação das populações rurais nos centros de produção fabril, o desenvolvimento da disciplina de trabalho fabril e a quebra de sistemas de produção mais antigos, criaram na sua aurora, de um lado, o primeiro proletariado industrial e, de outro, o pobre causal e as classes destituídas”<sup>13</sup> (Hall, 1978, p. 376, tradução nossa). “Decantação”, de fato, é uma bela analogia para o fenômeno. Tal como num processo químico de separação no qual, deixando uma mistura heterogênea repousar, recolhe-se a parte que interessa e descarta-se o resto, a produção industrial também absorve apenas parte da plebe, e o resto, o decantado, é o que a tradição marxista chama de lumpemproletariado.

Mas aqui vale um alerta. Essa não-absorção à indústria ainda não é suficiente para caracterizar a origem do lumpen europeu. Devemos tomar cuidado para não realizar uma leitura demasiadamente literal da famosa frase de Engels, segundo a qual “a história do proletariado na Inglaterra começa [...] com a invenção do motor a vapor e da maquinaria para trabalhar algodão”<sup>14</sup> (1987, p. 78, tradução nossa). Afinal:

---

<sup>12</sup> No original: “This proto-class, this lumpen-plebs, was a big constituent of the lowest stratum of urban society during the transitional centuries, without any clear line between the producing elements and the nonproducing or purely parasitic elements. A lumpen-class of some kind has accompanied different social systems: it reached new proportions out of the decay of European feudalism”.

<sup>13</sup> No original: The decanting of rural populations into the centres of factory production, the development of the discipline of factory labour and the break-up of older systems of production created in their wake, at one end, the first industrial proletariat, at the other end, the casual poor and the destitute classes”.

<sup>14</sup> Traduzido de: “The history of the proletariat in England begins with the second half of the last century, with the invention of the steam-engine and of machinery for working cotton”.

Expropriação, por si só, não produz ‘trabalhadores livres’, apenas camponeses e artesãos destituídos que tem tanta chance de recorrer à mendicância ou ao crime, quanto de aparecer nos portões das fábricas e usinas da emergente classe capitalista procurando por emprego (READ, 2003, p. 24, tradução nossa).

O camponês expropriado pensa, mais ou menos, como um personagem de um romance de Jack London: “antes vagabundo do que besta de trabalho”<sup>15</sup> (LONDON, 2018, p. 5240, tradução nossa). Dessa forma, a formação do proletariado não passa apenas pela luta de classes relativa estritamente à indústria, mas por uma luta de classes muito mais ampla, travada pela burguesia através de seus diversos Aparelhos Ideológicos de Estado<sup>16</sup> (Aparelho Escolar, Aparelho Jurídico, Aparelho Religioso, Aparelho Familiar, etc.), para constituir e garantir a reprodução de um “[...] sujeito trabalhador, que é, ao mesmo tempo produtivo, de acordo com as normas e demandas do trabalho abstrato, e dócil”<sup>17</sup> (READ, 2003, p. 86, tradução nossa). Nas palavras de Lazzarato e Alliez (2016):

Durante o século XIX, o adestramento ‘subjetivo’ dos proletários para os fixar no aparelho de produção, normalizando seus comportamentos e seus modos de vida, de maneira a transformar seu tempo de vida em ‘tempo de trabalho’, não pôde se realizar, senão através do acionamento de uma ‘guerra civil generalizada’<sup>18</sup> (p. 124, tradução nossa).

Enfim, se formos manter a analogia de Stuart Hall, nos parece que a formação do lumpen europeu se dá por uma dupla decantação, ou seja, pelo fato de eles não serem incorporados à produção industrial, e pelo fato de sofrerem uma menor exposição aos Aparelhos Ideológicos, compensada por um maior contato com os Aparelhos Repressivos, de Estado. Voltaremos, mais à frente, a esse ponto.

---

<sup>15</sup> Traduzido de: “Lieber Vagabund als Arbeitstier”.

<sup>16</sup> Sobre o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado, ver Althusser (1970).

<sup>17</sup> Traduzido de: "or a laboring subject, which is both productive, according to the norms and demands of abstract labor, and docile" (READ, 2003, p. 86).

<sup>18</sup> Traduzido de: "Au xixe siècle, le dressage « subjectif » des prolétaires pour les fixer à l'appareil de production en normalisant leurs comportements et leurs modes de vie de manière à transformer le temps de la vie en « temps de travail » ne peut se réaliser que par le déclenchement d'une « guerre civile généralisée »”.

Vejamos, agora, como essas considerações históricas jogam luz às formulações de Marx e Engels sobre o lumpemproletariado.

### 2.3 Formulações de Marx e Engels sobre o lumpen

Trataremos das formulações de Marx e Engels sobre o lumpen a partir de cinco obras: *O Manifesto do Partido Comunista*, *As lutas de classes na França*, *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, *O Capital* e o prefácio de Engels à *Lutas de Classe na Alemanha*. Na nossa concepção, são essas as obras que possuem as formulações mais profundas e detalhadas sobre nosso objeto<sup>19</sup>.

Começemos pelo *Manifesto*. Nessa obra de 1848, Marx e Engels analisam o lumpen em uma breve passagem, mas cuja importância teórica é inversamente proporcional ao número de linhas: “O lumpemproletariado, esse *apodrecimento passivo das camadas inferiores da velha sociedade*, é, aqui e ali, lançado no movimento por uma revolução proletária; mas, por sua própria situação, ele se revelará mais disposto a se deixar comprar por conspirações reacionárias (MARX e ENGELS, 2013)”. Aqui temos dois aspectos que resumem incrivelmente bem a concepção marxista sobre essa classe social: Primeiramente, Marx e Engels sintetizam em uma linha a reconstrução histórica feita por nós na seção anterior. O que é esse “*apodrecimento passivo das camadas inferiores da velha sociedade*” se não, justamente, essa plebe (juntamente com camponeses) que não foi convertida em proletariado industrial? Em segundo lugar, os autores já antecipam um ponto que será repetido exaustivamente em seus escritos posteriores: “é, aqui e ali, lançado no movimento por uma revolução proletária; mas, por sua própria situação, ele se revelará mais disposto a se deixar comprar por conspirações reacionárias”, ou seja, uma certa oscilação política característica ao lumpen e uma certa tendência a “se deixar comprar”, a ceder a subornos.

Em seguida, em *As Lutas de Classe na França* (que data de 1848-1850), destacamos a seguinte passagem:

A Revolução de Fevereiro expulsara o exército de Paris. A Guarda Nacional, isto é, burguesia em seus diversos matizes, constituía a única força presente.

---

<sup>19</sup> Para essa seleção, além de termos realizado a leitura das formulações de Marx e Engels sobre o lumpen nas quais consideramos as suas principais obras (*A Ideologia Alemã*, *O Manifesto do Partido Comunista*, *As Lutas de Classe na França*, *A Lutas de Classe na Alemanha*, *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, *O Capital*, *As Guerras Camponesas na Alemanha e Guerra Civil na França*), levamos também em consideração o fato de que as obras selecionadas são as mais referenciadas nos artigos científicos sobre a temática.

Só que ela não se julgava capaz de enfrentar o proletariado. Além disso, fora obrigada, ainda que depois da mais tenaz resistência, alegando centenas de impedimentos diferentes, a abrir gradativa e fracionadamente suas fileiras e a permitir o ingresso de proletários armados. Diante disso, só restou uma saída: *contrapor uma parcela dos proletários à outra*.

Com essa finalidade o governo provisório instituiu os 24 batalhões da *Guarda Móvel*, cada um composto de mil homens recrutados entre os jovens de quinze a vinte anos, oriundos em grande parte do lumpemproletariado, que, em todas as grandes cidades compunha uma massa que se distinguiu claramente do proletariado industrial e na qual eram recrutados ladrões e criminosos de todo tipo, que viviam das sobras da sociedade, gente sem trabalho fixo, vadios, *gens sans feu et sans aveu* (gente sem teto), distinguindo-se de acordo com o nível de educação da nação à qual pertenciam, mas nunca renegando seu caráter lazarônico; na jovem idade em que o governo provisório os recrutou, eram perfeitamente influenciáveis, capazes dos maiores heroísmos e da mais exaltada abnegação, bem como do mais ordinário banditismo e da mais nojenta venalidade. O governo provisório lhes pagava um franco cinquenta cêntimos por dia, isto é, ele os comprava. Ele lhes deu um uniforme próprio, isto é, diferenciou-os exteriormente da blusa (usada pelos trabalhadores). Em parte, designou-os como líderes oficiais do exército permanente, em parte eles próprios elegeram jovens filhos de burgueses, cujas fanfarrices a respeito de morrer pela pátria e de entregar-se pela república cativaram os demais.

Desse modo, o proletariado parisiense passou a defrontar-se com um exército de 21 mil homens intrépidos no pleno vigor de sua juventude, recrutados de seu próprio meio (2012, p. 41-42).

Dessa passagem, destacam-se quatro aspectos importantes. Em primeiro lugar: “*contrapor uma parcela dos proletários à outra*”. Aqui, Marx parece considerar o lumpen como uma espécie de *divisão*<sup>20</sup> interna à classe trabalhadora. Nesse sentido, Marx indica estar, de certa forma, seguindo formulações já feitas por Engels em 1847: “Já em 1847, num breve ensaio sobre a Alemanha, Engels aponta para a “divisão” da classe trabalhadora em “trabalhadores rurais, trabalhador diarista, diarista de artesanato, trabalhadores das fábricas e lumpemproletariado”<sup>21</sup> (BARROW, 2020, p. 73, tradução nossa). Em segundo lugar, volta a aparecer a questão da oscilação política do lumpen: “[...] capazes dos maiores heroísmos e da mais exaltada abnegação, bem como do mais ordinário banditismo e da mais nojenta venalidade”. Em terceiro lugar: “O governo provisório lhes pagava um franco cinquenta

<sup>20</sup> Ao longo do texto, optamos por não tomar posição sobre o que, de fato é o lumpen (categoria, fração, camada etc.), de tal forma que usaremos termos como “divisão” ou “fragmentação”. Nas considerações finais, após passado pela análise de diversas formulações sobre o conceito, explicitaremos nossa posição.

<sup>21</sup> No original: As early as 1847, in a short essay on Germany, Engels points to “the division” of the working class “into farm labourers, day labourers, handicraft journeymen, factory workers and lumpen proletariat”.

cêntimos por dia, isto é, ele os comprava”. Reforçando o que já estava no *Manifesto*, o suborno aparece como uma forma típica de cooptação do lumpem (um suborno nada insignificante pois, como nos lembra Sakay (2017, p 17), um franco cinquenta cêntimos ao dia equivalia a seis vezes o soldo de um soldado do exército francês). Por fim, Marx mostra ainda outro importante e recorrente mecanismo de cooptação do lumpem, sua integração em a dispositivo militar: “Ele lhes deu um uniforme próprio [...]. Em parte, designou-os como líderes oficiais do exército permanente, em parte eles próprios elegeram jovens filhos de burgueses, cujas fanfarrices a respeito de morrer pela pátria e de entregar-se pela república cativaram os demais”. O lumpem não toma o lado da burguesia na luta de classes via escola, via igreja, ou via ideologia jurídica. A militarização parece ser um dos meios privilegiados para tal.

Nesse sentido, esses dois mecanismos se repetem apenas com algumas poucas alterações em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Nesta obra, Marx trata majoritariamente do lumpem fazendo referência à “Sociedade 10 de Dezembro”, uma espécie de milícia misturada com sociedade beneficente criada por Luís Bonaparte para organizar o lumpem a seu favor. “Sob o pretexto da instituição de uma sociedade beneficente, o lumpemproletariado parisiense foi organizado em seções secretas, sendo cada uma delas liderada por um agente bonapartista e tendo no topo um general bonapartista” (MARX, 2011, p. 91). Ou seja, o que opera para organizar o lumpem são, novamente, o suborno e a incorporação a um aparato militar (miliciano), não à toa, sintetizando essas considerações de maneira um tanto irônica, Marx caracteriza Luís Bonaparte da seguinte forma: “[...] o chefe da Sociedade 10 de Dezembro, um aventureiro vindo do exterior, posto no comando pela soldadesca embriagada que ele subornara com [...] [aguardente] e linguiça e a qual precisa continuar suprindo com linguiças” (MARX, 2011, p. 141).

Por fim, no prefácio de Engels ao escrito *As Guerras Camponesas na Alemanha de 1870* (como ficará claro em breve, optamos por discutir a formulação do conceito em *O Capital* em uma seção mais à frente), vemos já uma atitude bastante diferente, tanto em relação aos escritos apenas de Marx (*As lutas de Classe... e O 18 Brumário...*) quanto aos escritos de ambos (*Manifesto...*):

O lumpemproletariado, essa escória integrada pelos elementos sem classe de todas as camadas sociais e concentrada nas grandes cidades, é o pior dos aliados possíveis. Essa escória é absolutamente venal e a que produz mais

problemas. Quando os operários franceses escreviam nas paredes de suas casas durante cada uma das revoluções: “*Mort aux voleurs!*”, (Morte aos ladrões! - francês), e com efeito fuzilaram mais de um, não o faziam num rebate de entusiasmo pela propriedade, mas sim plenamente conscientes de que antes de tudo era necessário desembaraçarem-se dessa gente. Todo o chefe operário que utiliza elementos do lumpemproletariado para sua guarda pessoal e se apoia neles demonstra por esse simples fato que é um traidor do movimento (2010, p. 46).

Aqui, parece sumir aquela possibilidade do lumpen poder ser “*lançado no movimento por uma revolução proletária*”. A ambiguidade que caracterizou as formulações de Marx e Engels desaparece, o lumpen se torna “o pior dos aliados possíveis”. Apontamos duas possíveis razões para essa mudança: 1) Se trata aqui de um texto de 1870, de tal maneira que, após 20 anos a mais de experiências de estudo e participação na luta de classes, o papel reacionário do lumpen teria se tornado mais nítido; 2) A seguinte passagem de Engels fora escrita justamente numa época de grande disputa entre marxistas e bakuninistas no seio da Primeira Internacional, nesse sentido, tendo em vista a opinião extremamente positiva que Bakunin tinha sobre o lumpen:

Quando digo flor do proletariado, eu me refiro, acima de tudo àquela grande massa, àqueles milhões de incultos, deserdados, miseráveis, analfabetos que os senhores Engels e Marx sujeitariam ao jugo paternal de um governo forte - naturalmente para a salvação do próprio povo! Todos os governos são supostamente estabelecidos apenas para olhar o bem-estar das massas! Por flor do proletariado, eu me refiro precisamente àquela eterna ‘carne’ (a partir da qual todos os governos crescem), aquela ralé do povo (oprimidos ‘a escória da sociedade’) ordinariamente designados por Marx e Engels na pitoresca e desdenhosa expressão Lumpemproletariado. Eu tenho em mente o ‘refugo’, a ‘ralé’ quase não poluída pela civilização burguesa, que carrega no seu ser interior e em suas aspirações, em todas as necessidades e misérias de sua vida coletiva, todas as sementes do socialismo do futuro, a qual apenas ela é hoje poderosa o bastante para inaugurar e trazer ao triunfo a Revolução Social<sup>22</sup> (BAKUNIN, 1972, p. 294).

---

<sup>22</sup> Traduzido de: “By the flower of the proletariat, I mean above all that great mass, those millions of the uncultivated, the disinherited, the miserable, the illiterates, whom Messrs Engels and Marx would subject to their paternal rule by a strong government”—naturally for the people's own salvation! All governments are supposedly established only to look after the welfare of the masses! By flower of the proletariat, I mean precisely that eternal "meat" (off which governments thrive), that great rabble of the people (underdogs, "dregs of society") ordinarily designated by Marx and Engels in the picturesque and contemptuous phrase Lumpenproletariat. I have in mind the "riffraff," that "rabble" almost unpolluted by bourgeois civilization, which carries in its inner being and in its aspirations, in all the necessities and miseries of its collective life, all the seeds of the socialism of the future, and which alone is powerful enough today to inaugurate and bring to triumph the Social Revolution”.

Nos parece bastante plausível supor que o tom mais duro em relação ao lumpen se deva muito a tal contexto de disputas no seio do movimento dos trabalhadores. Esse “chefe operário que utiliza elementos do lumpemproletariado para sua guarda pessoal” parece ter nome e sobrenome.

Por fim, Engels apresenta ainda um outro aspecto do lumpen que consideramos oportuno destacar: “escória integrada pelos elementos sem classe de todas as camadas sociais”. Apesar de se originar com uma parcela da plebe que não fora absorvida pela produção capitalista, Engels nos lembra que os flancos do lumpen são também inchados por elementos decadentes provenientes de outras classes.

#### 2.4 Os julgamentos morais de Marx e Engels

Começamos com uma passagem de *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* que foi propositalmente omitida na seção anterior, uma passagem na qual Marx caracteriza o lumpen a partir de vários exemplos e que, possivelmente, é a que mais fornece munição aos defensores da tese de que o conceito de lumpemproletariado nada mais é do que apenas uma categoria moral:

Sob o pretexto da instituição de uma sociedade beneficente, o lumpemproletariado parisiense foi organizado em seções secretas, sendo cada uma delas liderada por um agente bonapartista e tendo no topo um general bonapartista. *Roués* [Rufiões] decadentes com meios de subsistência duvidosos e de origem duvidosa, rebentos arruinados e aventurecos da burguesia eram ladeados por vagabundos, soldados exonerados, ex-presidiários, escravos fugidos das galeras, gatunos, trapaceiros, lazzaroni [lazarones], batedores de carteira, prestidigitadores, jogadores, maquereaux [cafetões], donos de bordel, carregadores, literatos, tocadores de realejo, trapeiros, amoladores de tesouras, funileiros, mendigos, em suma, toda essa massa indefinida, desestruturada e jogada de um lado para o outro, que os franceses denominam *la bohème* [a boemia] [...] (MARX, 2011, p. 91).

Nessa passagem, (além de já adiantar um ponto que Engels, como vimos, repetirá no prefácio de 1870: que o lumpen é inflado por elementos decadentes de outras classes, que ele é o “refugio de todas as classes”), Marx não economiza adjetivos depreciativos: “vagabundos”, “massa indefinida, desestruturada” e, algumas linhas abaixo na mesma página, “escória”, “dejeto”. Realmente, não há dúvida, temos aqui (como enfatizado nas citações que abrem esse nosso primeiro capítulo) uma crítica moral. Porém, ao invés de apressadamente

defender que o lumpemproletariado é meramente uma categoria moral, talvez um caminho mais adequado seja o de nos questionarmos: qual a razão dessa depreciação operada por Marx? Por que ela aparece aqui? Nesse sentido, talvez seja útil levantarmos um interessante dado sobre a produção marxiana e engelsiana: “Em 1980, Mark Traugott contou vinte e sete usos explícitos da palavra lumpemproletariado e seus cognatos por Marx e Engels ao longo de suas vidas. Porém, o grosso dessas referências ocorrem no período de quatro anos entre 1848 e 1852”<sup>23</sup> (BARROW, 2020, p. 45, tradução nossa). E aqui cabe nos perguntar: por que “o grosso” da produção de Marx e Engels sobre o lúmpen data do intervalo 1848-1852?

1848 é o início da primeira revolução na França com forte influência do proletariado. Em meio a uma brutal crise econômica e grande descontentamento social, em fevereiro daquele ano, a monarquia de Luís Filipe cai e se instaura um governo provisório, e, logo em seguida, uma república. Mesmo sob hegemonia burguesa, houve alguma participação da classe trabalhadora (dois ministros: Louis Blanc e Albert). Mas, com esse levante de fevereiro, a classe trabalhadora saiu fortalecida, a burguesia precisava vencê-la para viver em paz. “Ao ditar a república ao governo provisório e, por meio do governo provisório, a toda a França, o proletariado ocupou imediatamente o primeiro plano como partido autônomo, mas, ao mesmo tempo, desafiou toda a França burguesa a se unir contra ele” (MARX, 2012, p. 34). “Era preciso [...] *acabar com os trabalhadores*” (MARX, 2012, p. 41). Assim (como descrito na longa citação da seção anterior), o governo provisório, visando criar um exército para combater o proletariado, organiza o lúmpen através das Guardas Móveis. O problema, para Marx, é que o proletariado, ao invés de reconhecer a ameaça que se avolumava, saúda as Guardas Móveis, vê nela o seu exército:

Desse modo, o proletariado parisiense passou a defrontar-se com um exército de 24 mil homens intrépidos em plenos vigor de sua juventude, recrutados do seu próprio meio. Ele gritava *Vivat!* à Guarda Móvel em suas marchas por Paris. Ele reconheceu neles a sua frente de batalha nas barricadas. Ele os via como a guarda *proletária* em contraposição à Guarda Nacional burguesa. Seu equívoco era perdoável (MARX, 2012, p. 42).

---

<sup>23</sup> No original: “In 1980, Mark Traugott counted twenty-seven explicit uses of the word lumpenproletariat and its cognates by Marx and Engels over the course of their lives, but he finds that the bulk of these references occur in the four-year period between 1848 and 1852”.

Perdoável, mas fatal. Perdoável porque a divisão entre proletariado e lumpen é um longo processo que, na época, estava longe de ser perfeitamente claro<sup>24</sup>, era compreensível que os proletários enxergassem eles mesmos ao olharem para o lumpen. Fatal, pois, juntamente com a Guarda Nacional, serão, justamente, as Guardas Móveis que, durante as jornadas de junho de 48, “o mais colossal acontecimento na história das guerras civis europeias” (MARX, 2011, p. 34), irão esmagar o levante do proletariado relegando-o enquanto classe “[...] ao *segundo plano* da cena revolucionária”<sup>25</sup> (MARX, 2011, p. 35).

Eis, a nosso ver, a principal razão dos juízos morais de Marx e Engels em relação ao lumpen. Longe de ser apenas fruto de seus preconceitos, seus xingamentos nos parecem suprir a *função política* de evitar que junho de 48 se repita, de alertar para uma divisão existente e não percebida pelo proletariado. Além de o *lumpemproletariado* ser muito mais do que uma categoria moral, mesmo os elementos de crítica moral que acompanham o conceito de lumpemproletariado têm um clara função política.

### 2.5 Subindo o nível de abstração: o lumpen em *O Capital*

Até o momento, com exceção, talvez, do *Manifesto do partido comunista*, todas as análises de Marx e Engels sobre o lumpen que destacamos eram análises de formações sociais específicas (Alemanha do século XVI, França de meados do século XIX etc.), de tal maneira que as classes sociais eram apresentadas com toda sua riqueza de determinações. Já em *O Capital*, e é por isso que optamos por abordá-lo em uma seção à parte, temos uma mudança significativa no nível de abstração. Ao invés de nos referirmos a uma formação social particular, lidamos agora com a instância econômica do modo de produção capitalista (POULANTZAS, 2019, p. 15-37). Assim, quando Marx fala de classes sociais nesta obra, ele tende a fazê-lo de maneira um tanto mais abstrata. Eis como Marx trata do lumpen por essa ótica:

---

<sup>24</sup> "De acordo com o nobre francês Adolphe Granier de Cassagnac, escrevendo na década de 1830, o proletariado formava “o nível mais baixo, o estrato mais profundo da sociedade”, que consistia em quatro grupos: “os trabalhadores, os mendigos, os ladrões e as mulheres públicas” (VAN DER LINDEN, 2013, p. 58).

<sup>25</sup> Mas, justiça seja feita ao lumpemproletariado, ele, nas jornadas de junho, não adere em massa à contrarrevolução, como nos conta Sakay (2017, p. 67), dos 24 mil membros das Guardas Móveis, apenas 13 mil efetivamente combateram contra os proletários revolucionários, indicando, talvez, uma certa resistência de sua parte em integrar os flancos da reação.

O sedimento mais baixo da superpopulação relativa habita, por fim, a esfera do pauperismo. Abstraindo dos vagabundos, delinquentes, prostitutas, em suma, do lumpemproletariado propriamente dito, essa camada social é formada por três categorias: [...] os aptos ao trabalho [...], os órfãos e os filhos de indigentes [...] [e] os degradados, maltrapilhos, incapacitados para o trabalho” (MARX, 2013, p. 795).

Nessa passagem, Marx trata do segmento mais baixo da superpopulação relativa no Modo de Produção Capitalista, a “população estagnante”. Para ele, diferente dos outros tipos de superpopulação (a flutuante e a latente), a população estagnante se caracteriza por uma “ocupação totalmente irregular” (p. 794) e por uma condição de vida “abaixo do nível médio normal da classe trabalhadora”. Porém, em nenhum momento do texto Marx justifica a exclusão do lumpen do seio da população estagnante no geral e, até mesmo, de sua categoria mais baixa, os “degradados, maltrapilhos, incapacitados para o trabalho”. Qual a diferença entre alguém incapacitado ao trabalho e “vagabundo” ou um “delinquente”? Não há uma resposta para essa questão em *O Capital*. E, a nosso ver, por uma razão bastante simples: como já foi dito, o capital é a teorização da instância econômica do Modo de Produção Capitalista e, *puramente no nível econômico, não existe diferença entre a população estagnante e o lumpen*, como bem destaca Barrow (2020), “como categoria econômica, Marx e Engels definem o lumpemproletariado pela sua não-relação econômica de reprodução e pela sua posição fora das relações capitalistas de produção”<sup>26</sup> (p. 30, tradução nossa). Ora, tanto o “delinquente” quanto o trabalhador incapacitado encaixam-se nessa definição. Como já foi dito, o que caracteriza o lumpen não é *apenas* sua (não)posição econômica, mas também, uma certa distância em relação aos Aparelhos Ideológicos de Estado da burguesia. É aí, e não puramente na economia, que se encontrará a diferença entre um trabalhador incapacitado ao trabalho e um convicto “vagabundo”.

## 2.6 O conceito de lumpen em Kautsky

1890 fora um ano bastante significativo para a classe trabalhadora alemã. Neste ano, o *Partido Socialista dos Trabalhadores da Alemanha* (partido fundado em 1875 no famoso

---

<sup>26</sup> No original: As an economic category, Marx and Engels define the lumpenproletariat by its nonrelation to economic production and by its position outside capitalist relations of production”.

congresso de Gotha<sup>27</sup>, no qual a organização liderada pelos militantes socialistas August Bebel e Wilhelm Liebknecht se fundira com a *União Geral dos Trabalhadores Alemães* mudaria de nome dando origem ao *Partido Social-Democrata Alemão* (também conhecido pela sua sigla SPD - abreviação do alemão *Sozialdemokratische Partei Deutschlands*) (MIA). Sob a influência teórico-política de Engels durante seus primeiros anos de existência, o SPD se torna a primeira organização de massas a adotar o marxismo como ideologia e a mobilizar uma enorme estrutura de propaganda (em 1913, por exemplo, o partido contava com 94 jornais que juntos possuíam mais de meio milhão de tiragens) para sua difusão (ELEY, 2002).

Dentre os grandes pensadores que integravam o SPD, quem mais teorizou sobre o lumpen foi Karl Kautsky (1854-1938), o principal formulador teórico da social-democracia alemã. No plano da análise teórica, Kautsky permanece bastante fiel às formulações de Marx e Engels sobre o tema. Eis, por exemplo, como ele define essa classe em sua obra de 1899 denominada *A Questão Agrária*: “restos de modos de produção pré-capitalistas que persistem nos cimos dos porões da sociedade, (...) diferentes espécies do proletariado andrajoso (lumpenproletariat) e todas as camadas que são em parte resíduos de formas sociais pré-capitalistas (KAUTSKY, 1980 p. 25 apud MIRRAJIZ, p. 42). Entretanto, se Kautsky mantém a mesma concepção de lumpen ao longo de sua vida<sup>28</sup>, nas suas obras posteriores há também um claro uso político dessa categoria. Mas antes de abordarmos este aspecto, precisamos continuar nossa breve história do SPD.

---

<sup>27</sup> Congresso cujas críticas às resoluções por parte de Marx daria origem à sua obra também de 1875 denominada *Crítica ao Programa de Gotha*.

<sup>28</sup> Eis, por exemplo, como ele concebe o lumpen em obra de 1919 (ou seja, 20 anos depois de *A Questão Agrária*): Ela [a Revolução Francesa] conseguiu, parte devido à vitória sobre o feudalismo e ao estímulo à grande indústria, com que massas de proletários se transformassem de lumpemproletários em trabalhadores assalariados” (KAUTSKY, 2011, p. 181, tradução nossa).

Ou ainda, se referindo a um período anterior à consolidação da grande indústria: “Apenas uma pequena parte da força de trabalho era admitida na indústria do período [...]. Se espalhava pelo país uma massa de proletários desempregados, famintos e desesperados, que, não conseguindo viver de trabalho produtivo, recorriam a meios parasitários de vida como a mendicância, o furto e até mesmo o roubo (KAUTSKY, 2011, p. 170, tradução nossa).

No original: “Sie hat dies erreicht einerseits durch Beseitigung des Feudalismus und Förderung des industriellen Kapitals, das die Massen von Proletariern aus Lumpenproletariern in Lohnarbeiter verwandelte”.

“In der Industrie jener Zeit finden die überschüssigen Arbeitskräfte nur zu geringem Teil Aufnahme, da sie selbst durch die Zunftschränken beengt ist. Unzählige Massen eines arbeitslosen, hungernden, verzweifelnden Proletariats ergießen sich über das Land, die nicht von produktiver Arbeit zu leben vermögen und daher ihre Zuflucht in den verschiedensten parasitischen Auskunftsmitgliedern suchen, vom Betteln und Stehlen bis zum Rauben”.

Desde os últimos anos do século XIX, surgiu no seio da social-democracia alemã uma tendência teórico-política, inicialmente representada por Eduard Bernstein, que defendia uma revisão da estratégia marxista da tomada do poder político pela classe trabalhadora em prol de uma estratégia de reformas graduais. Vocalizando uma acomodação à lógica parlamentar e um apoio às políticas colonialistas e militaristas do governo alemão, essa tendência cresce com os anos e conquista de tal maneira o SPD que, em 4 de agosto de 1914, a bancada do partido no Reichstag (parlamento alemão) vota por unanimidade a aprovação dos créditos de guerra (FRÖHLICH, 2010). E se Kautsky se opõe fortemente a Bernstein no final dos anos 90 do século XIX, ele vai, ao longo do tempo, se aproximando cada vez mais das tendências revisionistas no partido. Tamanha era essa aproximação que, quando estoura a Revolução de Outubro de 1917 e o Partido Bolchevique toma o poder na Rússia e instaura a ditadura do proletariado, Kautsky se opõe às principais políticas dos revolucionários russos e escreve diversas obras criticando-os. Bom, é justamente a partir desta polêmica que podemos entender o uso político que Kautsky faz da categoria de lumpemproletariado. Mais especificamente, falamos aqui de sua obra de 1919 denominada *Terrorismo e Comunismo* (Terrorismus und Kommunismus).

Um dos argumentos centrais que Kautsky mobiliza na obra é o de que o proletariado foi ao longo de sua história abandonando os métodos violentos e assumindo meios de luta humanos e democráticos e, assim, a política dos bolcheviques seria uma clara corrupção dessa tendência à humanização que se desenvolvia no seio do proletariado:

Nós vimos que os atos sangrentos da Grande Revolução Francesa não se repetiram nas revoluções que a sucederam, vimos que de 1830 a 1871, os lutadores da revolução, mesmo lá onde eles estavam sobre a influência das mais violentas tradições, eles aspiraram (em oposição a seus inimigos de classe que mostravam a maior brutalidade) práticas das mais humanas possíveis, tanto em junho de 1848 como em maio de 1871.

Ao longo de todo século XIX, podemos perceber uma progressiva humanização da classe trabalhadora.

Mas vieram agora, no começo século XX, a revolução na Rússia e na Alemanha, e ocorrem novamente atos sangrentos que lembram a Revolução Francesa do século XVIII<sup>29</sup> (KAUTSKY, 2011, p. 157, tradução nossa).

---

<sup>29</sup> No original: “Wir haben gesehen, daß die Bluttaten der großen französischen Revolution sich bei ihren Nachfolgern nicht wiederholen, daß von 1830 bis 1871 die revolutionären Kämpfer selbst dort, wo sie unter dem Einfluß der Traditionen der Schreckensherrschaft stehen, doch in ihrer Praxis nach möglichster Humanität trachten, im Gegensatz zu ihren Gegnern, die nach wie vor die größte Brutalität entfalten, sowohl im Juni 1848, wie im Mai 1871.

E é justamente, em meio a esse argumento, que Kautsky mobiliza a categoria de lumpen, pois, para ele, as tendências violentas que foram superadas pelos trabalhadores nos séculos XVIII e XIX eram tendências próprias do lumpemproletariado<sup>30</sup>:

Nos seus primórdios, o proletariado era profundamente rebaixado pelo capital, não apenas economicamente, mas também moralmente. Nas suas condições de moradia, na escassez e na incerteza de sua existência, e também na sua falta de conhecimento, ele não se elevava muito acima do nível do lumpemproletariado [...]

Apenas em um lento processo que, camada após a outra, e em uma eterna luta de classes, ele conseguiu se levantar deste pântano. E quanto mais esse processo progredia, mais se desdobravam as tendências à humanidade baseadas na sua posição de classe [...]<sup>31</sup> (KAUTSKY, 2011, p. 182-183, tradução nossa).

Ou ainda:

É essa [a separação entre proletariado e lumpen ocasionada pela grande indústria] a causa, como já indicamos, de a parte revolucionária do proletariado aparecer, no movimento do século XIX, como uma classe cheia da maior humanidade, uma classe que cada vez mais se afasta da selvageria brutal que seus antecessores conheceram no tempo da Grande Revolução Francesa e que Engels, ainda nos anos 40 do século XIX, constatou no proletariado fabril da Inglaterra<sup>32</sup> (KAUTSKY, 2011, p. 183, tradução nossa).

---

Während des ganzen 19. Jahrhunderts können wir bei den arbeitenden Klassen eine fortschreitende Humanisierung bemerken.

Da kommt jetzt im Beginn des 20. Jahrhunderts die Revolution in Rußland und Deutschland und entfesselt wieder Bluttaten, die an die der französischen Revolution des 18. Jahrhunderts erinnern”.

<sup>30</sup> O que não significa que Kautsky afirme que a política bolchevique seja uma política lumpen. Isso ele não faz em nenhum momento da obra.

<sup>31</sup> No original: “In seinen Anfängen freilich wurde das industrielle Proletariat durch das Kapital nicht nur ökonomisch, sondern auch moralisch aufs tiefste herabgedrückt. In seinen Wohnungsbedingungen, der Dürftigkeit und Unsicherheit der Existenz, in seiner Unwissenheit, erhob es sich vielfach nicht über das Lumpenproletariat [...]

Nur langsam gelang es einer seiner Schichten nach der andern, in stetem Klassenkampf sich aus dem anscheinend hoffnungslosen Sumpf zu erheben. Je mehr dieser Prozeß fortschritt, um so mehr vermochten die in seiner Klassenlage begründeten Tendenzen zur Humanität sich zu entfalten [...]”.

<sup>32</sup> No original: “Das sind die Ursachen der Erscheinung, auf die wir bereits hingewiesen haben, daß sich der revolutionäre Teil des Proletariats in den Bewegungen des 19. Jahrhunderts als eine von größter Humanität erfüllte Klasse zeigt, die sich immer mehr entfernt von der brutalen Wildheit, die ihre Vorgänger zur Zeit der

E assim, apesar da continuidade teórica com as formulações de Marx e Engels, o conceito de lumpen toma também um novo sentido político na polêmica de Kautsky contra os revolucionários russos. Nesse sentido, uma via interessante para a continuidade de nossa construção do conceito de lumpen pode se dar justamente a da resposta dos bolcheviques a Kautsky.

### 2.7 O conceito de lumpen para os bolcheviques

A primeira clara oposição à aproximação de Kautsky com a ala de Bernstein foi feita já 1910 pela própria esquerda do SPD (a partir das intervenções de Rosa Luxemburgo, Franz Mehring, Karl Liebknecht, Clara Zetkin, entre outros) (FRÖHLICH, 2010, p. 270-272). No caso dos bolcheviques, uma forte contraposição a Kautsky começa a tomar forma a partir de 1914, aparecendo claramente em diversas obras clássicas Lenin, como, por exemplo, *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, de 1916:

O movimento proletário revolucionário em geral e o movimento comunista em particular, que crescem em todo o mundo, não podem dispensar a análise e o desmascaramento dos erros teóricos do «kautskismo». Isto é tanto mais necessário quanto o pacifismo e a «democracia» em geral - que não têm as mínimas pretensões de marxismo, mas que, exatamente como Kautsky e C.<sup>a</sup>, dissimulam a profundidade das contradições do imperialismo e a inelutabilidade da crise revolucionária que este engendra - são correntes que ainda se encontram extraordinariamente espalhadas em todo o mundo (LENIN, 1984).

Ou em *O Estado e a Revolução* de 1918:

Kautsky passa do marxismo para os oportunistas, pois nele desaparece por completo justamente essa destruição da máquina do Estado, de todo inaceitável para os oportunistas, e deixa-lhes uma saída no sentido de interpretar a ‘conquista’ como uma simples obtenção da maioria (LENIN, 2017, p. 140).

Assim, quando os bolcheviques respondem aos argumentos Kautsky em *Terrorismo e Comunismo*, isso se dá sobre o plano de fundo de uma polêmica que já durava anos. No que tange especificamente a resposta bolchevique a essa obra específica de Kautsky,

---

großen französischen Revolution kennzeichnete und die Engels auch noch in den vierziger Jahren des 19. Jahrhunderts beim Fabriksproletariat Englands konstatierte”.

consideramos que a obra de mais impacto é o livro de Leon Trotsky de mesmo nome, publicado originalmente em 1920. Sendo assim, nos parece bastante interessante observar como Trotsky responde esse argumento de Kautsky de que haveria uma tendência de humanização/democratização nas práticas do proletariado. Para Trotsky, a violência é um dos meios para a tomada do poder da classe trabalhadora e, quando se deseja um fim, não se pode recusar os meios, mesmo que sejam meios sangrentos:

Quem busca um fim não pode rejeitar os meios. A luta deve ser travada com a intensidade necessária para garantir a supremacia do proletariado. Se a revolução socialista requer uma ditadura - 'o único meio através do qual o proletariado pode conseguir o controle do Estado' - logo, a ditadura deve ser garantida a todo custo<sup>33</sup> (TROTSKY, 2007, p. 25, tradução nossa).

Para Trotsky, a ideia de Kautsky de um progresso em direção à humanização é nada mais do que liberalismo com roupagem de marxismo:

Não existe um átomo de marxismo nessa 'fórmula do progresso'. Ocorre que se perde o processo real da luta de classes e seus conflitos materiais quando a propaganda marxista garante, graças às condições da democracia, a possibilidade de uma transição indolor para uma nova e 'mais sábia' ordem. Isso é nada mais que o mais vulgar liberalismo, uma peça de racionalismo tardio no espírito do século dezoito - com a diferença que as ideias de Condorcet são trocadas por uma vulgarização do Manifesto Comunista. Ali, a toda história se resolve na caneta e no papel, e o centro desse processo 'humano' revela-se ser, na verdade, a já gasta mesa de trabalho de Kautsky<sup>34</sup> (TROTSKY, 2007, p. 29, tradução nossa).

Nota-se, assim, que apesar do argumento kautskyano ser duramente criticado, não se diz uma palavra sobre a associação feita por ele entre uma política mais violenta, irracional, e o lumpen. Pode muito bem ser argumentado que Trotsky apenas não achou o ponto relevante,

---

<sup>33</sup> Traduzido de: "Who aims at the end cannot reject the means. The struggle must be carried on with such intensity as actually to guarantee the supremacy of the proletariat. If the socialist revolution requires a dictatorship 'the sole form in which the proletariat can achieve control of the state' -it follows that the dictatorship must be guaranteed at all cost".

<sup>34</sup> Traduzido de: "In this 'formula of progress' there is not one atom of Marxism. The real process of the struggle of classes and their material conflicts has been lost in Marxist propaganda, which, thanks to the conditions of democracy, guarantees, forsooth, a painless transition to a new and 'wiser' order. This is the most vulgar liberalism, a belated piece of rationalism in the spirit of the eighteenth century -with the difference that the ideas of Condorcet are replaced by a vulgarization of the Communist Manifesto. All history resolves itself into an endless sheet of printed paper, and the centre of this 'humane' process proves to be the well-worn writing table of Kautsky".

digno de resposta, entretanto, nos parece plausível levantar aqui a tese de que essa associação não é atacada porque os bolcheviques, se não concordam exatamente com a tese de Kautsky, não têm um juízo muito mais positivo sobre o lumpen. Afinal, algumas publicações do partido se não associam a violência em si ao lumpen, associam a ele um irracionalismo, uma desorganização que harmonizam relativamente bem com as considerações de Kautsky. É o caso do livro *A Teoria do Materialismo Histórico* de Nikolai Bukharin:

Tocamos assim o laço que une a condição da existência material com a psicologia e a ideologia de classe ou de grupo que daí resultam: *no proletariado*, ódio ao capital e ao seu Estado, espírito revolucionário, hábito de agir duma maneira organizada, psicologia de camaradagem, atitude criadora, produtiva, desprezo ao passado, atitude negativa em face da «sacrossanta propriedade privada» alicerce da sociedade burguesa etc.; *no campesinato*, apego à propriedade privada, que o torna hostil a todas as inovações, individualismo, desconfiança de tudo que ultrapassa ao seu horizonte estreito; *no proletariado andrajoso* [termo utilizado para designar o lumpen na tradução em questão], negligência e inconsistência, ódio às velharias e ao mesmo tempo impotência e inércia na construção, na organização [...]. A uma tal psicologia, uma ideologia correspondente: no proletariado, comunismo revolucionário; no campesinato, ideologia de propriedade; no proletariado andrajoso, anarquismo instável e histórico (BUKHARIN, 1933).

Ou seja, há uma clara associação entre lumpen e desorganização, instabilidade, histeria (traços que, para ele, se associam também ao anarquismo). Num tom semelhante, temos também a Grande Enciclopédia Soviética:

Estratos desclassificados em uma sociedade antagônica (incluindo vadios, pedintes e elementos criminosos). O lumpemproletariado se difundiu particularmente sob o capitalismo. Ele é recrutado de várias classes e incapaz de uma luta política organizada. Ele constitui, juntamente com o estrato pequeno-burguês, a base social para o anarquismo. A burguesia usa o lumpemproletariado como desarticuladores de greves, participantes em linchamentos fascistas<sup>35</sup>, e outras coisas. O lumpemproletariado desaparece

---

<sup>35</sup> Consideração que se encontra de maneira semelhante também nas análises de Trotsky sobre o fascismo: “Através da agência do fascismo, o capitalismo coloca em movimento massas de pequenos burgueses loucos e bandos de lumpemproletários desclassificados e desesperados [...]” (TROTSKY, 1993, tradução nossa).

Traduzido de: “Through the fascist agency, capitalism sets in motion the masses of the crazed petty bourgeoisie and the bands of declassified and demoralized lumpenproletariat [...]”.

com a abolição do sistema capitalista<sup>36</sup> (THE GREAT SOVIET ENCYCLOPEDIA, 1970-79, tradução nossa).

Enfim, os bolcheviques parecem seguir uma linha já traçada por Lênin em 1906. Em um mesmo movimento, 1) rejeitar uma condenação apriorística da violência, uma vez que o desenvolvimento da luta de classes pode pedir esse tipo de tática:

Em *certos períodos* de aguda crise econômica e política, a luta de classes caminha em direção à guerra civil, isso é, em direção à luta armada entre duas seções do povo. *Nesses períodos*, os marxistas são obrigados a tomar o estandarte da guerra civil. Toda condenação moral da guerra civil seria absolutamente imprevisível do ponto de vista do marxismo<sup>37</sup> (LENIN, 2000, tradução nossa, grifo nosso).

E, 2), rejeitar também, associando-o ao lumpen e ao anarquismo, o fetiche da violência, uma violência tomada como um fim em si mesmo: “essa forma de luta [a guerra de guerrilhas] fora adorada como *forma preferível*, ou, até mesmo, *exclusiva*, de luta por elementos vagabundos da população, pelo lumpemproletariado e por grupos anarquistas”<sup>38</sup> (LENIN, 200, tradução nossa, grifo nosso).

Por fim, no que tange aos bolcheviques, mais um ponto precisa ser destacado: o efeito indireto de suas políticas para os desdobramentos das formulações teóricas sobre o conceito. Afinal, sua política impulsionará um giro teórico-político no marxismo internacional que acarretará, ao longo dos anos, em mudanças importantes no conceito de lumpen: é o giro do marxismo em direção ao terceiro mundo. É esse o tema de nosso próximo capítulo.

---

<sup>36</sup> Traduzido de: “declassed strata in an antagonistic society (including vagrants, beggars, and criminal elements). The lumpen proletariat has become particularly widespread under capitalism. It is recruited from various classes and is incapable of organized political struggle. It constitutes, along with the petit bourgeois strata, the social basis of anarchism. The bourgeoisie makes use of the lumpen proletariat as strikebreakers, as participants in fascist pogrom bands, and in other ways. The lumpen proletariat disappears with the abolition of the capitalist system”.

<sup>37</sup> Traduzido de: "In certain periods of acute economic and political crises the class struggle ripens into a direct civil war, i.e., into an armed struggle between two sections of the people. In such periods a Marxist is obliged to take the stand of civil war. Any moral condemnation of civil war would be absolutely impermissible from the standpoint of Marxism".

<sup>38</sup> Traduzido de: "This form of struggle was adopted as the preferable and even exclusive form of social struggle by the vagabond elements of the population, the lumpen proletariat and anarchist groups".

### 3. Capítulo 2: Do Centro à periferia... O conceito de lumpemproletariado adaptado às realidades chinesa e africana

*Anteriormente, eu mencionara brevemente a questão da atitude da esquerda Europeia para com os países subdesenvolvidos, na qual existe uma grande dose de crítica e de otimismo. As críticas me lembram de uma história sobre leões: um dia, mostraram uma figura a um grupo de leões. Na figura, um leão se encontrava no chão e um homem armado apoiava seu pé sobre ele (como todos sabem, o leão é orgulhoso de ser o rei da selva); um dos leões olha para a figura e diz: Ah se os leões pudessem pintar [...] (CABRAL, 1974)<sup>39</sup>.*

Neste capítulo, buscamos reconstruir o conceito de lumpemproletariado em Mao Tse-Tung e Frantz Fanon. Para isso, procuramos assinalar como ambos os autores operam modificações e desenvolvimentos no conceito e em suas implicações políticas (pensamos, por exemplo, na defesa que ambos fazem da possibilidade de organizar o lumpem politicamente no sentido de uma luta revolucionária). Além disso, procuramos também defender que as modificações operadas no conceito se devem, principalmente, à análise de formações sociais distintas das teorizadas por Marx e Engels e não a um afastamento da teoria marxista *tout court*.

#### 3.1 Marx e a adaptação do marxismo às particularidades da periferia do sistema

Pensar o conceito de lumpemproletariado nos países subdesenvolvidos é adentrar em um tema polêmico e amplamente debatido, como veremos adiante, pelos mais importantes revolucionários do século XX: o tema do *marxismo periférico*, ou seja, das modificações e adaptações a se fazer na teoria de Marx para se dar conta das particularidades das formações sociais situadas na periferia do sistema capitalista. Modificações e adaptações essas que, como indicaremos agora, já começam com o próprio Marx.

Durante todo o século XX, nunca se associou diretamente o nome de Marx à essa transplantação do marxismo. Afinal, é bem sabido que nos anos 40 e 50 do século XIX,

---

<sup>39</sup> No original: “I mentioned briefly earlier the question of the attitude of the European left towards the underdeveloped countries, in which there is a good deal of criticism and a good deal of optimism. The criticism reminds me of a story about some lions: there is a group of lions who are shown a picture ,of a lion lying on the ground and a man holding a gun with his foot on the lion (as everybody knows the lion is proud of being king of the jungle); one of the lions looks at the picture and says, ‘if only we lions could paint’” (CABRAL, 1974).

Marx tinha análises de caráter fortemente eurocêntrico. De acordo com Said (2003), já em 1853, apesar de se indignar com as barbaridades do imperialismo britânico na Ásia, ele ainda considerava que a colonização inglesa impulsionava o desenvolvimento dessas sociedades:

Artigo após artigo, ele [Marx] voltava com crescente convicção à ideia de que, mesmo destruindo a Ásia, a Bretanha estava possibilitando a revolução social. O estilo de Marx nos põe de encontro com a dificuldade de reconciliar nossa repugnância natural, enquanto seres humanos, aos sofrimentos dos orientais cuja sociedade está sendo violentamente transformada, com a necessidade histórica dessas transformações (p. 153)<sup>40</sup>.

Ocorre que pesquisas feitas já no século XXI nos revelaram que essa é só metade da história. Esse orientalismo de Marx era real, mas, devido às várias experiências que ele acumularia em sua biografia (apoiar a revolução nacional na Polônia; apoiar os exércitos do norte na Guerra Civil americana; apoiar a causa da independência Irlandesa; estudar antropologia e estudar a formação social russa), esse defeito vai sendo gradativamente superado, de tal forma que, no final de sua vida, ele é capaz de tecer comentários brilhantes sobre um país que, na época, integrava claramente a periferia do sistema: a Rússia<sup>41</sup> (ANDERSON, 2010).

Entrando em mais detalhes, o que ocorre é que, imersa no debate do movimento revolucionário russo sobre o caráter das propriedades agrícolas comunais (“é a comuna uma forma de propriedade fadada a desaparecer ou germe da futura propriedade comunista?”), a revolucionária Vera Zasulich (no momento, militante do grupo revolucionário *Repartição Negra*) resolve consultar Marx sobre o tema. Na resposta e nos rascunhos para a resposta, o revolucionário alemão, que há tempos já se preocupava com o estudo de outras civilizações que não integram Europa ocidental, desenvolve um genial exemplo de transposição do marxismo para a realidade dos países periféricos (SHANIN, 2017).

Indo na contramão de qualquer evolucionismo ou etapismo, Marx não considera que a Rússia deve, seguindo o caminho europeu, expropriar seus camponeses e passar pela etapa

---

<sup>40</sup> No original: “In article after article he returned with increasing conviction to the idea that even in destroying Asia, Britain was making possible there a social revolution. Marx’s style pushes us right up against the difficulty of reconciling our natural repugnance as fellow creatures to the sufferings of Orientals while their society is being violently transformed with the historical necessity of these transformations” (p. 153).

<sup>41</sup> A Rússia naquele tempo era marcada pela independência política e crescente debilidade internacional; estava localizada na periferia do desenvolvimento capitalista e era ainda predominantemente camponesa, ainda que a indústria estivesse se expandindo rapidamente [...]” (SHANIN, 2017, p. 51)

historicamente necessária do capitalismo. Na verdade, ele argumenta não só que não há necessidade histórica que determine a extinção da comuna, mas também que tal forma de propriedade pode ser, caso aconteça uma revolução, o germe para a construção do socialismo:

A posse comunal da terra lhe oferece a base natural para a apropriação coletiva, o seu contexto histórico - a contemporaneidade com a produção capitalista - lhe subministra as condições materiais já prontas para implantar o trabalho cooperativo em larga escala. Ela pode, portanto, incorporar as realizações positivas desenvolvidas pelo sistema capitalista sem ter que passar por seu pesado ônus. Pode substituir gradativamente a agricultura de pequenos lotes por uma agricultura combinada, mecanizada, para a qual a configuração física da terra da Rússia contribui. Depois que as condições normais para a comuna tenham sido criadas na sua forma atual, ela pode se tornar o *ponto de partida* até mesmo para o sistema econômico para o qual a sociedade moderna está caminhando. Ela pode se abrir um novo capítulo que não começa com seu próprio suicídio (MARX, 2017, p. 175-176).

Como consequência dessa visão não-etapista sobre a comuna, a adaptação do marxismo feita por Marx acaba por operar também “uma reavaliação do campesinato e de sua organização social no futuro processo revolucionário” (SHANIN, 2017, p. 67). As potencialidades revolucionárias dos camponeses nos parecem aqui muito mais explícitas do que nas análises da Europa ocidental, afinal, pensar em uma revolução na Rússia da época implicaria em pensar “[...] de forma assombrosa, camponeses dirigindo seus próprios assuntos, dentro e como parte da sociedade socialista” (SHANIN, 2017, p. 47).

Nos parece, então, que, ao final de sua vida, já não havia traços evolucionistas em Marx. O etapismo sede espaço para a *análise concreta da situação concreta*. Ou, como ele mesmo diz em sua *Carta para o Conselho Editorial do Otechestvennye Zapiski*:

Então, eventos de similaridade surpreendente acontecendo em contextos históricos diferentes levam a resultados totalmente díspares. Estudando cada um desses desenvolvimentos separadamente e, então, comparando-os, pode-se facilmente descobrir a chave desse fenômeno. Mas o sucesso nunca virá com a chave mestra de uma teoria geral histórico-filosófica cuja maior virtude consiste em ser supra-histórica (MARX, 2017, p. 195).

### 3.2 A Revolução Russa e a difusão do marxismo para o terceiro mundo

Se Marx foi o primeiro a considerar as especificidades dos países periféricos e a necessidade de adaptar a teoria às suas realidades, é apenas com a Revolução Russa que o marxismo vai ser *massivamente* difundido até tais países a ponto de ser considerado pelos seus povos como instrumento de interpretação e modificação de sua realidade nacional. Somente levando em conta este fato, é que podemos entender certas declarações, como as dadas por Mao Tse-Tung (1979):

Foi através dos russos que os chineses descobriram o Marxismo. Antes da Revolução de Outubro, os chineses não só desconheciam Lênine e Estáline, como nem sequer conheciam Marx e Engels. As salvas dos canhões da Revolução de Outubro trouxeram-nos o Marxismo-Leninismo. A Revolução de Outubro ajudou os progressistas da China, assim como os do mundo inteiro, a adotar a concepção proletária do mundo como instrumento para estudar o destino do país e reconsiderar os seus próprios problemas. Seguir o caminho dos russos: tal foi a conclusão” (p. 639).

Por Ho Chi Minh (2020):

Em primeiro lugar, foi o patriotismo, e não o comunismo, que me levaram a acreditar em Lenin e na Terceira Internacional. Aos poucos, durante a luta e enquanto estudava o marxismo-leninismo paralelamente às minhas participações nas atividades práticas, eu me dei conta de forma gradativa de que somente o socialismo e o comunismo poderiam libertar as nações oprimidas e o povo trabalhador ao redor do mundo da escravidão.

Por Mariátegui (2020):

O socialismo, que no início era apenas um fenômeno da civilização ocidental, agora alarga seu raio histórico e geográfico. As primeiras Internacionais dos Trabalhadores eram apenas instituições ocidentais. Na Primeira e Segunda Internacionais apenas os proletários da Europa e América estavam representados. O Congresso Fundador da Terceira Internacional em 1920 contou com a presença de delegados do Partido dos Trabalhadores Chinês e do Sindicato dos Trabalhadores Coreanos. Os enviados persas, turcos e armênios participaram nos congressos que se seguiram” (p. 195-196).

Ou, também, a carta endereçada a Lenin pela Associação Revolucionária Indiana (grupo de emigrantes indianos que viviam na URSS): “Os revolucionários indianos expressam sua profunda gratidão e admiração pela grande luta travada pela Rússia Soviética

pela libertação de todas as classes e povos oprimidos e, especialmente, pela libertação da Índia”<sup>42</sup> (PRASHAD, 2017, p. 55, tradução nossa).

E não se tratou apenas de uma influência através da inspiração que o exemplo dado pelos Russos gerava, mas também, de um gigantesco esforço organizativo feito por parte dos soviéticos para a difusão do marxismo às nações oprimidas pelo imperialismo, esforço que inclui, por exemplo, a realização, em 1920, do Congresso dos Povos do Leste, na cidade de Baku. Congresso no qual se modifica o famoso lema do *Manifesto do partido comunista*: “O novo lema era ‘Proletários de todos os países, e nações oprimidas do mundo, uni-vos!’” (LOSURDO, 2017).

É justamente este mesmo contexto histórico que Anouar Abdel-Malek (1975) tem em mente quando afirma que “[...] V. I. Lenin [...] foi o principal mediador entre o marxismo clássico europeu e o Oriente [...]” (p. 129). E que Casanova (2017) leva em consideração quando escreve que “somente desde 1917 o pensamento crítico marxista dos países hegemônicos tende a ser igualado e, às vezes, superado pelo pensamento crítico dos países da periferia mundial” (p. 356)<sup>43</sup>.

Em suma, se os bolcheviques, eles mesmos, como foi demonstrado no capítulo anterior, não operaram nenhuma grande adaptação no conceito de lumpen, o impacto da Revolução de Outubro é essencial para a difusão do marxismo em direção à periferia e para as consequentes modificações que há de sofrer tal conceito.

### 3.3 Mao Tse-Tung pensando o lumpen e o marxismo chinês

Assim, baseados nas considerações anteriores sobre a adaptação do marxismo, e sobre o importante papel político-teórico que a Revolução Russa teve neste processo, passemos agora para o rico evento da Revolução Chinesa, dentro do qual Mao Tse-Tung não

---

<sup>42</sup> No original: “Indian revolutionaries express their deep gratitude and their admiration of the great struggle carried on by Soviet Russia for the liberation of all oppressed classes and peoples, and especially, for the liberation of India”.

<sup>43</sup> No original: “Sólo desde 1917 el pensamiento crítico marxista de los países hegemónicos tiende a ser igualada y a veces superado por el pensamiento crítico de países de la periferia mundial” (p. 356).

apenas realiza brilhantes adaptações do *marxismo às particularidades da China*<sup>44</sup>, mas também faz contribuições essenciais para se pensar o lúmpen.

No que tange à análise das classes sociais, tudo indica que Mao não conheceu o último Marx e suas avaliações mais positivas das potencialidades revolucionárias do campesinato. Porém, *por outras vias*, o revolucionário chinês também acaba por valorizar significativamente o potencial do camponês: “Em pouco tempo, veremos nas províncias do centro, do sul e do norte da China centenas de milhões de camponeses, levantados, impetuosos, invencíveis, como um tornado, e nenhuma força poderá detê-los” (MAO TSE-TUNG, 1977, p. 21)<sup>45</sup>.

*Por outras vias*, contudo, Mao não se aproxima dos camponeses apenas pelo seu estudo teórico, mas também pelo contato direto com os eles decorrente de sua prática política:

---

<sup>44</sup> Coisa que ele enfatiza a importância em diversas passagens de sua obra: “A grande força do marxismo-leninismo reside precisamente na sua fusão com a prática revolucionária concreta de cada país. Para o Partido Comunista Chinês, isso significa que é necessário saber aplicar o marxismo-leninismo em função das condições concretas da China. Se os comunistas chineses, que são membros de nossa grande nação e a ela pertencem como sua carne e seu sangue, falam de marxismo sem levar em conta as particularidades da China, esse marxismo será abstrato e vazio de conteúdo” (MAO TSE-TUNG, 1977, p. 167, tradução nossa).

Trecho traduzido de “La grande force du marxisme-léninisme réside précisément dans sa fusion avec la pratique révolutionnaire concrète de chaque pays. Cela signifie pour le Parti communiste chinois qu’il faut savoir appliquer le marxisme-léninisme en fonction des conditions concrètes de la Chine. Si les communistes chinois, qui sont des membres de notre grande nation et lui appartiennent comme sa chair et son sang, parlaient du marxisme sans tenir compte des particularités de la Chine ce ne serait qu’un marxisme abstrait et vide de contenu” (MAO TSE-TUNG, 1977, p. 167).

Ou ainda: “[...] O marxismo-leninismo é a teoria que Marx, Engels, Lênin e Stálin criaram sobre a base da prática, a conclusão geral que eles tiraram da realidade histórica e da prática revolucionária. Se nós simplesmente lermos seus trabalhos, sem se aprofundar, à luz dessa teoria, no estudo da realidade histórica e da prática revolucionária da China, e sem nos dar o trabalho de refletir sobre a prática da revolução chinesa sobre o ângulo da teoria, não podemos ter a pretensão de ser teóricos marxistas” (MAO TSE-TUNG, 1977, p. 228, tradução nossa).

Trecho traduzido de “[...] le marxisme-léninisme est la théorie que Marx, Engels, Lénine et Stalin ont créée sur la base de la pratique, la conclusion générale qu’ils ont tirée de la réalité historique et de la pratique révolutionnaire. Si nous ne faisons que lire simplement leurs oeuvres, sans approfondir à la lumière de leur théorie notre étude de la réalité historique et de la pratique révolutionnaire de la Chine, et sans nous donner la peine de réfléchir à la pratique de la révolution chinoise, sous l’angle de la théorie, nous ne pouvons avoir la prétention d’être des théoriciens marxistes” (MAO TSE-TUNG, 1977, p. 228).

<sup>45</sup> Traduzido de: “Dans peu de temps, on verra dans les provinces du centre, du sud et du nord de la Chine certaines de millions de paysans se dresser, impétueux, invincibles, tel l’ouragan, et aucune force ne pourra les retenir” (MAO TSE-TUNG, 1977, p. 21).

‘Inicialmente eu não tinha me dado conta da intensidade da luta de classes entre os camponeses,’ declarou Mao a Edgar Snow, ‘mas depois do incidente de 30 de maio [movimento de massas que se inicia quando um trabalhador chinês é morto a tiros por um capataz japonês]... e durante a grande onda de atividade política que se seguiu, o campesinato de Hunan se tornou bastante politizado. Nesse momento, eu deixei minha casa e fui começar as campanhas de organização rural’ (SNOW, p. 157. apud SCHRAM, 1966, p. 82, tradução nossa)<sup>46</sup>.

Nesse seu contato com o campesinato, Mao não se depara com plantadores pacíficos, mas sim com uma classe explorada possuidora de uma longa tradição guerreira:

O campesinato adorava deidades com títulos militares, sabendo que o conhecimento da atividade militar fora sempre a chave para o sucesso, olhava com simpatia para os homens da violência. O fato é que o campesinato chinês, longe de ser aquele filho pacífico do oriente que geralmente é descrito, tinha uma enorme afinidade por heróis militares, principalmente os que vinham de seu próprio estrato social (WOLF, 1969, p. 107, tradução nossa).<sup>47</sup>

E dessa militância realizada entre os camponeses da província de Hunan, Mao não apenas retira conclusões interessantes sobre essa classe, mas também sobre outro grupo que, para ele, está diretamente relacionada à primeira, o lumpen: “Existe também um *lumpemproletariado* bastante numeroso composto de *camponeses que perderam suas terras* e de trabalhadores artesanais que não conseguiram encontrar trabalho. Essa gente leva uma vida mais precária do que qualquer outro grupo que compõe nossa sociedade” (MAO TSE-TUNG, 1977, p. 15, tradução nossa, segundo grifo nosso).<sup>48</sup> Ou ainda: “Um dos problemas mais difíceis da China é saber qual política adotar para essa gente. Eles são capazes de lutar com uma enorme coragem, ao mesmo tempo que se inclinam a ações

---

<sup>46</sup> Traduzido de: ‘Formerly I had not fully realized the degree of class struggle among the peasantry,’ declared Mao to Edgar Snow, ‘but after the May 30 Incident [movimento de massas que se inicia quando um trabalhador Chinês é morto a tiros por um capataz Japonês]... and during the great wave of political activity which followed it, the Hunanese peasantry became very militant. I left my home, where I had been resting, and began a rural organization campaign’ (SNOW, p. 157. apud SCHRAM, 1966, p. 82).

<sup>47</sup> Traduzido de: The peasant worshiped many deities with military titles and looked favorably upon the man of violence, with the knowledge that military activity had often been the key to success. The fact is that the Chinese peasant, far from being the pacific son of the East usually described, has a strong affinity for military heroes, especially for those who emanate from his own social stratum. (WOLF, 1969, p. 107).

<sup>48</sup> Traduzido de: “Il existe encore un *Lumpenproletariat* assez nombreux composé de *paysans qui ont perdu leur terre* et d’ouvriers artisanaux que n’ont pu trouver du travail. Ces gens mènent une vie plus précaire que n’importe quel autre groupe de là société” (MAO TSE-TUNG, 1977, p. 15, segundo grifo nosso).

destrutivas; conduzidos de maneira justa, eles podem se tornar uma força revolucionária” (MAO TSE-TUNG, 1977, p. 16, tradução nossa).<sup>49</sup>

Aqui, apesar de concordar com a constatação marxiana de que o lúmpen se origina de camponeses que perderam suas terras e se caracteriza por um posicionamento político instável, seja pela influência de uma larga tradição chinesa de uma certa valorização positiva do banditismo que data da época da China imperial<sup>50</sup>, seja por influência de suas experiências práticas<sup>51</sup>, Mao apresenta um juízo sobre essa classe que se diferencia significativamente das últimas formulações de Marx e Engels (“Todo o chefe operário que utiliza elementos do lumpemproletariado para sua guarda pessoal e se apoia neles demonstra por esse simples fato que é um traidor do movimento” (ENGELS, 2010, p. 46)): *para Mao, o lúmpen pode sim se converter numa força revolucionária*. Comentaremos nossa avaliação sobre essa diferença mais adiante.

### 3.4 Frantz Fanon e o lumpemproletariado

Frantz Fanon (1925-1961) foi um importante revolucionário martinicano que desfrutou de amplo reconhecimento internacional. Reconhecimento derivado tanto de sua atuação na Revolução Argelina (1954-1962) junto à FLN (Front de Libération Nationale), quanto de sua obra magna: *Os Condenados da Terra* (1961), uma espécie de *Fenomenologia*

---

<sup>49</sup> Traduzido de: “C’est un des problèmes difficiles de la Chine que de savoir quelle politique adopter à l’égard de ces gens. Ils sont capables de lutter avec un très grand courage, mais enclines aux actions destructives; conduits d’une manière juste, ils peuvent devenir une force révolutionnaire” (MAO TSE-TUNG, 1977, p. 16).

<sup>50</sup> Na China imperial, o banditismo fazia parte de uma espécie de ciclo renovador da sociedade: “A ocorrência do banditismo e da violência camponesa estão diretamente ligados com o estado geral da sociedade. Eles geralmente ocorrem em períodos de colapso, quando uma dinastia que fora poderosa se torna fraca e incapaz de administrar as tarefas do Estado, de tal maneira que as pessoas passam a buscar soluções alternativas para essa desordem. Em tais períodos de desintegração, um bandido que consegue consolidar suas forças pode se tornar um candidato viável ao poder dinástico. O primeiro imperador Han e fundador da grande dinastia Han (202 a.c. - 221 d.c.) fora ele mesmo um bandido que, no desenrolar dos eventos, se tornou imperador da China e portador do mandato dos céus” (WOLF, 1960, p. 107-108, tradução nossa).

Trecho traduzido de: “The occurrence of banditry and peasant violence are closely linked to the overall state of the society. They usually occur during phases of breakdown when a once powerful dynasty has grown weak and unable to manage the affairs of the state, and people seek alternative solutions to the prevalent disorder. During such periods of disintegration, a bandit who successfully consolidates his forces may become a viable contender for dynastic power, sometimes even the founder of a new dynasty. The first Han emperor and the founder of the great Han dynasty (202 b.c.-a.d. 221) had himself been such a bandit who became, in the course of events, emperor of China and bearer of the Mandate of Heaven” (WOLF, 1960, p. 107-108).

<sup>51</sup> Como indicaremos mais à frente, o Exército Vermelho de Mao tinha grande presença de lúmpens, sendo, inclusive chamado por seus detratores de “exército de vagabundos” (SAKY, 2017, p. 164).

*do Espírito Anticolonial* que procura mostrar como a luta revolucionária (tratada no livro a partir de seus mais diversos aspectos: desde os partidos e as classes chegando nos temas da cultura e da psicologia) modifica dialeticamente a consciência dos sujeitos em via de descolonização.

Em princípio, pode parecer arbitrário e desconexo de nossa parte tratar de Fanon, um pensador com claras tendências freudianas e existencialistas, logo após ter discutido Mao Tse-Tung. Porém, defendemos aqui que não há arbitrariedade alguma neste movimento. Na verdade, procuramos sustentar a tese de que Fanon se liga *diretamente* a Mao e, a partir dele, em pelo menos duas linhas claras: 1) ambos pensam a revolução a partir de países colonizados, dependentes e de maioria campesina, de tal maneira que suas teorias da revolução se aproximam em diversos aspectos; 2) desde o recente estudo realizado por Khalfa (2018) sobre a biblioteca de Fanon, se confirma o que qualquer leitor dos *Condenados da Terra* que conhecesse o mínimo de maoísmo já intuía: Fanon era um leitor assíduo de Mao e, em muitos aspectos, um incorporador de suas reflexões. Para melhor ilustrar esse ponto, fizemos a tabela abaixo contando o número de obras de *alguns* autores comumente associados a Fanon que constavam em sua biblioteca. Fanon possuía mais obras de Mao do que de todos os outros autores juntos<sup>52</sup>.

**Tabela 1: Alguns livros presentes na biblioteca de Fanon (KHALFA, 2018).**

<b>Autor</b>	<b>Quantidade de obras</b>
Sigmund Freud	6
Jean Paul Sartre	6
Maurice Merleau-Ponty	2
Karl Jaspers	1
Friedrich Engels	3

<sup>52</sup> Inclusive, ressaltamos que o marxismo-leninismo era moeda corrente não apenas para Fanon, mas para os revolucionários os argelinos no geral: "Ideias políticas incorporadas a partir do movimento revolucionário internacional, ainda que filtradas pela ótica nacionalista, influenciaram a formação de muitos combatentes argelinos. Textos como *A estratégia da guerra revolucionária*, de Mao Tsé-Tung; *O que fazer?*, de Lênin; ou *Princípios do leninismo*, de Stálin, foram incorporados à bagagem de vários grupos de militantes" (YAZBEK, 2010, p. 45).

Karl Marx	7
Vladmir Lenin	11
Mao Zedong	49

Fonte: elaboração própria.

Desta forma, não nos deve surpreender o fato de que Fanon se aproxima de Mao tanto na sua exaltação do potencial revolucionário do campesinato:

É claro que, nos países colonizados, apenas o campesinato é revolucionário. Ele não tem nada a perder e tudo a ganhar. O camponês, o *déclassé*, o esfomeado é o explorado que descobre mais rápido que somente a violência paga. Para ele, não há compromisso, não há possibilidade de arranjo. Colonização e descolonização são simplesmente relações de força. O explorado percebe que a libertação pressupõe todos os meios e, de início, a força (FANON, 2002, p. 61, tradução nossa)<sup>53</sup>.

Quanto na sua caracterização do lumpen:

Abandonado o campo, onde a demografia coloca problemas insolúveis, *os camponeses sem terra que constituem o lumpemproletariado* se precipitam para as cidades, se amontoam nas favelas e lutam para se infiltrar nos portões das cidades nascidas da dominação colonial. As massas camponesas, vivendo em um quadro imóvel e com bocas em excesso não têm outra alternativa que não migrar para o meio urbano (FANON, 2002, p. 111, grifo nosso, tradução nossa)<sup>54</sup>.

Quanto também na sua ênfase sobre à imprevisibilidade política dessa classe:

Assim, todo movimento de libertação nacional deve dar a máxima atenção a esse lumpemproletariado. Pois ele responde sempre ao apelo da insurreição,

<sup>53</sup> Traduzido de: Or il est clair que, dans les pays coloniaux, seule la paysannerie est révolutionnaire. Elle n'a rien à perdre et tout à gagner. Le paysan, le déclassé, l'affamé est l'exploité qui découvre le plus vite que la violence, seule, paie. Pour lui, il n'y a pas de compromis, pas de possibilité d'arrangement. La colonisation ou la décolonisation, c'est simplement un rapport de forces. L'exploité s'aperçoit que sa libération suppose tous les moyens et d'abord la force (FANON, 2002, p. 61).

<sup>54</sup> Traduzido de: “En abandonnant les campagnes où la démographie pose des problèmes insolubles, *les paysans sans terre, qui constituent le lumpen-prolétariat*, se ruent vers les villes, s'en tassent dans les bidonvilles et tâchent de s'infiltrer dans les ports et les cités nés de la domination coloniale. Les masses paysannes, elles, continuent de vivre dans un cadre immobile et les bouches en surnombre n'ont d'autre ressource que d'émigrer vers les cités” (FANON, 2002, p. 111, grifo nosso).

mas se a insurreição crê poder se desenvolver ignorando-o, o lumpemproletariado, essa massa de esfomeados e *déclassés*, se lançará na luta armada, mas dessa vez, do lado do opressor (FANON, 2002, 131-132, tradução nossa)<sup>55</sup>.

Entretanto, não temos aqui a intenção de pintar a figura de Fanon como um mero repetidor de Mao Tse-Tung ou de qualquer outra tradição teórica, afinal, um olhar crítico sobre suas análises mostra uma constante preocupação em “distender” o marxismo para poder compreender a realidade colonial<sup>56</sup>. Assim, sua experiência na Revolução Argelina nos parece ter um peso tão grande ou maior do que suas leituras de outras revoluções, de tal maneira que sua caracterização de lúmpen possivelmente não deriva *unicamente* das reflexões de Mao, mas também de seu estudo da realidade argelina e de sua experiência revolucionária, afinal o processo de conversão dos camponeses em lúmpen tinha recém-começado quando estoura a revolução em 54. Fanon era um contemporâneo desse fenômeno:

Após a Segunda Guerra Mundial, a disputa pela posse da terra agravou-se: aumentou a resistência das populações nativas às concessões feitas pelo governo francês, que deu aos colonos o direito de se estabelecer nas melhores terras; e milhares de famílias berberes que não possuíam terras foram reduzidas à miséria e obrigadas a trocar o campo pela cidade, o que agravou os problemas nas áreas metropolitanas, fazendo com que um décimo da população urbana se visse obrigada a recorrer a quaisquer alternativas viáveis para sobreviver" (YAZBEK, 2010, p. 41).

Além disso, sugerimos também que não apenas as aproximações de Fanon com Mao Tse-Tung sobre o lúmpen tem como *uma* de suas fontes a experiência do último na Revolução Argelina, mas também suas diferenças, ou seja, um maior entusiasmo por parte de

---

<sup>55</sup> Traduzido de: “Aussi tout mouvement de libération nationale doit-il apporter le maximum d'attention à ce lumpen-prolétariat. Celui-ci répond toujours à l'appel de l'insurrection, mais si l'insurrection croit pouvoir se développer en l'ignorant, le lumpen-prolétariat, cette masse d'affamés et de déclassés, se jettera dans la lutte armée, participera au conflit aux côtés, cette fois, de l'opresseur” (FANON, 2002, 131-132).

<sup>56</sup> Neste ponto, acreditamos que essa passagem ilustra com clareza essa flexibilidade no marxismo de Fanon: “Nas colônias, a infraestrutura econômica é também uma superestrutura. A causa é consequência: você é rico porque é branco, você é branco porque é rico. É por isso que a análise marxista deve ser sempre levemente *distendida* quando se aborda o problema colonial” (FANON, 2002, p. 43, tradução nossa, grifo nosso). No original: “Aux colonies, l'infrastructure économique est également une superstructure. La cause est conséquence: on est riche parce que blanc, on est blanc parce que riche. C'est pourquoi les analyses marxistes doivent être toujours légèrement distendues chaque fois qu'on aborde le problème colonial”.

Fanon no potencial revolucionário do lumpen<sup>57</sup> e a ênfase dada por ele ao papel de mediador entre cidade e campo que essa classe pode realizar:

De fato, na insurreição, parte do campo vai penetrar nas cidades por meio da fração camponesa que se encontrava isolada na periferia urbana, aquela que no sistema colonial não encontrava nem um osso para roer. [...] É dentre essa massa, essas pessoas das favelas, é no seio do lumpemproletariado que a insurreição vai encontrar sua ponta de lança urbana. Em um país colonizado, o lumpemproletariado constitui uma das forças mais espontaneamente e mais radicalmente revolucionárias (FANON, 2002, p. 125, tradução nossa)<sup>58</sup>.

Afinal, durante a Revolução Argelina o lumpen, de fato, tem um papel bastante importante nas cidades:

A ALN [braço armado da FLN] havia se infiltrado com êxito na área muçulmana da cidade, o Casbah, região com população de 80.000 pessoas. Lá eles recrutaram 4.000 homens diretamente do seio do lumpemproletariado, ‘vândalos de coração puro’ que receberam uma chance para purificar-se de seus pecados passados (OUZEGANE, 1962, p. 252- 253 apud WOLF, 1969, p. 293, tradução nossa)<sup>59</sup>.

Ou seja, tanto em seus escritos, quanto em sua prática política, Mao e Fanon divergem significativamente de Marx e Engels em seu juízo sobre o lumpen. Vejamos isso com mais detalhes.

### *3.5 Marx e Engels, Mao e Fanon: diferenças e aproximações*

Após expor as visões de Mao e Fanon sobre o lumpen, com suas convergências e divergências, o que propomos nesta seção é resolver a seguinte questão: uma vez demonstrado (capítulo 1) que Marx e Engels partem de uma posição ambígua sobre o lumpen

---

<sup>57</sup> Sobre isso, um importante fator a ser, também, considerado é a constante preocupação de Mao em não se desviar do que era considerada a “ortodoxia do partido”, visando evitar dar munição para seus adversários políticos. Sakay (2017), e Scharm (1966) contam, por exemplo, que os textos publicados de Mao são re-edições nas quais ele coloca um tom nitidamente mais condenatório ao lumpen.

<sup>58</sup> No original “En fait l'insurrection, partie des campagnes, va pénétrer dans les villes par la fraction de la paysannerie bloquée à la périphérie urbaine, celle qui n'a pu encore trouver un os à ronger dans le système colonial. [...] C'est dans cette masse, c'est dans ce peuple des bidonvilles, au sein du lumpen-prolétariat que l'insurrection va trouver son fer de lance urbain. Le lumpen-prolétariat constitue l'une des forces le plus spontanément et le plus radicalement révolutionnaires d'un peuple colonisé” (FANON, 2002, p. 125).

<sup>59</sup> Traduzido de: “The ALN [braço armado da FLN] had successfully infiltrated the Muslim quarter of the city, the Casbah, with its population of 80,000. Here it had recruited some 4,000 men to its ranks, around a core of Lumpenproletariat, “hooligans with a pure heart,” who were given an opportunity to wash themselves dean of past sins” (OUZEGANE, 1962, p. 252- 253 apud WOLF, 1969, p. 293).

e, ao longo de suas vidas, o enxergam de maneira cada vez mais dura, como relacionar essa tendência no pensamento dos fundadores do socialismo científico com uma visão relativamente positiva de Mao e Fanon?

A primeira explicação, a nosso ver, diz respeito à proximidade do lumpem de África e China com as tradições camponesas. Ora, enquanto na Europa a expropriação camponesa inicia-se no século XV, na Argélia, por exemplo, como vimos neste capítulo, parte dessa expropriação ocorre no pós-Segunda Guerra. De tal forma que esse lumpem aparenta ter características análogas ao descrito por Engels em Guerras Camponesas na Alemanha: “[...] não se deve esquecer que uma grande parte dessa classe [lumpemproletariado] e, sobretudo, os que viviam nas cidades tinham mantido um fundo de robustez camponesa e estavam muito longe da venalidade e degenerescência de nosso lumpemproletariado civilizado”(ENGELS, 2010, p. 66).

É neste sentido que Amilcar Cabral (1974), ao analisar a realidade de Guiné, faz uma importante diferenciação, justamente, entre esses dois tipos de lumpem: um já orgânico ao meio urbano e que tende à reação, e outro composto de ex-camponeses recém saídos do campo e que podem ser incorporados à causa revolucionária:

Há ainda um outro grupo de pessoas que chamamos de *déclassés*, dentro do qual podemos distinguir dois subgrupos: o primeiro subgrupo é fácil de identificar, é o que seria chamado de lumpemproletariado, caso existisse um proletariado real: ele consiste em pessoas realmente *déclassé*, como pedintes, prostitutas etc. Já o outro grupo não é composto de fato por pessoas *déclassé*, mas nós ainda não encontramos o termo exato para ele; é um grupo ao qual temos dado bastante atenção e que tem se provado extremamente importante para a luta de libertação nacional. Ele é, em larga medida, composto de *jovens ligados a famílias pequeno-burguesas ou trabalhadoras, que chegaram recentemente de áreas rurais e, geralmente, não trabalham*; eles têm boas relações com as áreas rurais, assim como com as cidades (e até mesmo com os europeus). Eles geralmente ganham seu sustento de um emprego ou outro, mas de modo geral eles vivem a custo de suas famílias (CABRAL, 1974, tradução nossa, grifo nosso)<sup>60</sup>.

---

<sup>60</sup> Traduzido de: “There is another group of people whom we call the *déclassés*, in which there are two sub-groups to be distinguished: the first sub-group is easy to identify - it is what would be called the lumpenproletariat if there was a real proletariat: it consists of really *déclassé* people, such as beggars, prostitutes and so on. The other group is not really made up of *déclassé* people, but we have not yet found the exact term for it; it is a group to which we have paid a lot of attention and it has proved to be extremely important in the national liberation struggle. It is mostly made up of young people who are connected to petty bourgeois or workers' families, who have recently arrived from the rural areas and generally do not work; they thus have close relations with the rural areas, as well as with the towns (and even with the Europeans). They sometimes live off one kind of work or another, but they generally live at the expense of their families” (CABRAL, 1974).

Ou ainda:

As pessoas realmente *déclassé*, os vagabundos permanentes, prostitutas etc., têm sido de grande ajuda à polícia portuguesa dando a eles informação; esse grupo tem estado totalmente contra o povo, talvez inconscientemente, mas de todo jeito, contra nossa luta. Por outro lado, o grupo em particular que eu mencionei anteriormente, para o qual nós ainda não temos uma classificação precisa (o grupo, formado, em sua maioria, por jovens proveniente das áreas rurais e que tem contatos tanto na cidade quanto no campo) [...]; eles começaram a entender o fardo que é carregado pelos africanos. Provaram-se extremamente dinâmicos na luta. Muitos deles se juntaram a ela desde o começo e é dentre eles que nós encontramos muitos dos quadros que temos treinado desde então” (CABRAL, 1974, tradução nossa)<sup>61</sup>.

Destacamos também, que, enquanto já pensávamos as diferenças entre as formulações de Mao, Fanon, Marx e Engels por essas linhas, deparamo-nos com o importante trabalho de Barrow (2020) que, por vias completamente independentes, chega à exata mesma conclusão:

Enquanto os intérpretes de Fanon frequentemente apresentam suas visões como a antítese do conceito de lumpemproletariado Marx e Engels, deve-se lembrar que Fanon descrevia um lumpemproletariado na aurora de seu desenvolvimento e, nesse aspecto, sua descrição é, na verdade, idêntica às primeiras análises de Engels”<sup>62</sup> (BARROW, 2020, p. 148, tradução nossa).

Mas, para nós, essa é só parte da explicação. Há, ainda, um elemento ainda mais fundamental que explica a diferença entre as formulações de Marx e Engels e Mao e Fanon. Diferente dos primeiros, Mao Tse-Tung e Frantz Fanon falavam enquanto intelectuais ligados a potentes organizações revolucionárias com um *forte braço militar*, coisa que, após tudo que já vimos sobre os mecanismos cooptação do lumpen, não é nada irrelevante, e com

---

<sup>61</sup> Traduzido de: “The really *déclassé* people, the permanent layabouts, the prostitutes and so on have been a great help to the Portuguese police in giving them information; this group has been outrightly against our struggle, perhaps unconsciously so, but nonetheless against our struggle. On the other hand, the particular group I mentioned earlier, for which we have not yet found any precise classification (the group of mainly young people recently arrived from the rural areas with contacts in both the urban and the rural areas) [...]; they begin to understand the sacrifices being borne by the Africans. They have proved extremely dynamic in the struggle. Many of these people joined the struggle right from the beginning and it is among this group that we found many of the cadres whom we have since trained” (CABRAL, 1974).

<sup>62</sup> “While Fanon’s interpreters have often presented his views as the antithesis to Marx’s and Engels’s concept of the lumpenproletariat, it should be remembered that Fanon was describing a lumpenproletariat in its earliest phase of development, and in this regard, his description is actually identical to Engels’s earlier analysis” (BARROW, 2020, p. 148).

capacidade de absorver o lumpen (respectivamente, o Partido Comunista da China e A Frente Nacional de Libertação). Assim, quando, em 1927, em plena guerra civil, Mao se abriga com seu exército vermelho nas montanhas de Ching Cangshan, lá ele encontra dois líderes de bandidos com seus exércitos particulares (Wang Tso e Yuan Wen-tsai) e *absorve ambos para o exército vermelho* (SAKAY, 2017, p. 160). No ano seguinte, Chu Teh, conhecido general-mercenário e membro da sociedade secreta de bandidos “Irmãos Mais Velhos”, *se torna comandante do Exército Vermelho Central*, com Mao como secretário político chefe. Na época, o exército era chamado de “exército Chu-Mao” (SAKAY, 2017, p. 161). No caso de Fanon, já destacamos, neste capítulo, como, durante a independência argelina, o Exército Nacional de Libertação recrutou 4.000 lumpens urbanos para seus flancos.

Enfim, além do fato de terem de lidar com um lumpen bastante diferente do de Marx e Engels, Mao e Fanon o estudam de dentro de organizações com forte capacidade de atraí-los. Eis, para nós, a explicação de seu juízo muito mais positivo para com o lumpemproletariado.

### *3.6 Fanon e a economia libidinal do lumpemproletariado*

Ainda nos *Condenados da Terra*, Fanon traça algumas considerações gerais sobre economia libidinal dos colonizados que, mesmo não se tratando exclusivamente do lumpen (apesar de fazer referências explícitas a ele), nos parecem bastante úteis para sua compreensão.

Primeiramente, tal como, por outras vias, já sustentamos ser o caso do lumpen, Fanon nos remete à uma situação na qual a dominação burguesa/colonial se constitui menos via Aparelhos Ideológicos e, como corolário, mais via Aparelhos Repressivos:

Nos países capitalistas se interpõem, entre o explorado e o poder, toda uma multidão de professores de moral, de conselheiros e de ‘desorientadores’. Nas regiões coloniais, por outro lado, é o policial e o soldado que, por sua presença imediata, suas intervenções diretas e frequentes, mantêm o contato com o colonizado e o aconselham, por golpes de cacetete ou de napalm, a não se mover. Como podemos ver, o intermediário do poder utiliza a linguagem da pura violência<sup>63</sup> (FANON, 2002, p. 42, tradução nossa).

---

<sup>63</sup> No original: “Dans les pays capitalistes, entre l'exploité et le pouvoir s'interposent une multitude de professeurs de morale, de conseillers, de « désorientateurs ». Dans les régions coloniales, par contre, le gendarme et le soldat, par leur présence immédiate, leurs interventions directes et fréquentes, maintiennent le

Situação essa pensada para os colonizados no geral, mas que nos parece perfeitamente aplicável para o caso do lúmpen. Enfim, frente a uma dominação majoritariamente amparada na violência cega e brutal, impossível de, em situações não-revolucionárias, ser respondida na mesma moeda, os dominados se veem numa situação análoga à do menino que, na infância, se depara com um pai, a seus olhos, demasiadamente implacável. “Forçosamente a criança teve de renunciar à satisfação dessa agressão vingativa” (FREUD, 2012, p. 155). O menino se vê impossibilitado de responder com agressão à dominação paterna. Presa neste dilema, a criança, geralmente, resolve essa difícil equação através de uma solução inusitada, voltando sua pulsão agressiva contra seu próprio eu: “[...] cada parcela de agressão que nos recusamos a satisfazer é assumida pelo supereu e aumenta a sua agressão (contra o eu)” (FREUD, 2012, p. 154). Para Fanon, é exatamente essa a resposta dos colonizados (e, acrescentamos, do lúmpen), frente à opressão colonial. Não podendo responder abertamente à opressão, eles, tal como o menino de nossa analogia, usam de violência entre eles mesmos:

Essa agressividade, sedimentada nos músculos do colonizado, vai se manifestar, de início, contra seus semelhantes. É o período no qual os negros se destroçam entre si e os policiais, os juizes, não sabem o que fazer frente à espantosa criminalidade norte-africana<sup>64</sup> (FANON, 2002, p. 53-54, tradução nossa).

Ou ainda: “o colonizado se encontra preso na apertada malha do colonialismo. Mas, como já vimos, no fundo, o colonizador não obtém mais do que uma pseudopetrificação. A tensão muscular do colonizado se liberta periodicamente em explosões sanguíneas: lutas tribais, lutas de çofs, lutas entre indivíduos (FANON, 2002, p. 55, tradução nossa)<sup>65</sup>”. O fosso que separa agressão ao outro da agressão a si mesmo (ou aos semelhantes) é menor do que se imaginaria à primeira vista.

---

contact avec le colonisé et lui conseillent, à coups de crosse ou de napalm, de ne pas bouger. On le voit, l'intermédiaire du pou voir utilise un langage de pure violence”.

<sup>64</sup> No original: “Cette agressivité sédimentée dans ses muscles, le colonisé va la manifester d'abord contre les siens. C'est la période où les nègres se bouffent entre eux et où les policiers, les juges d'instruction ne savent plus où donner de la tête devant l'étonnante criminalité nord-africaine”.

<sup>65</sup> No original: “Le colonisé est pris dans les mailles serrées du colonialisme. Mais nous avons vu qu'à l'intérieur le colon n'obtient qu'une pseudo-pétrification. La tension musculaire du colonisé se libère périodiquement dans des explosions sanguinaires: lutttes tribales, lutttes de çofs, lutttes entre individus”.

Fanon, deparando-se com esse complexo quadro, como bom leitor de Freud que o era, jamais propõe recalcar essa violência, suprimi-la. Para ele, a questão passa muito mais por liberá-la, por direcioná-la à sua causa real, voltá-la contra o opressor. “[...] Novas condições vão lhe permitir [à violência] mudar de orientação” (FANON, 2002, p. 59, tradução nossa). Reorientação que, uma vez realizada, desdobra-se, de acordo com Fanon, inclusive em efeitos terapêuticos para o colonizado (e para o lumpen), efeitos de restituição de sua autoestima:

Esses vadios, esses desclassificados, vão, pelo canal da ação militante e decisiva, reencontrar o caminho da nação.

[...] Esses desempregados e esses subhomens se reabilitaram vis-à-vis eles mesmos e vis-à-vis a história. As prostitutas, elas também, as serviçais que ganham 2000 francos, os desesperados, todos aqueles que oscilam entre a loucura e o suicídio vão se reequilibrar, vão se recolocar em marcha e participar de maneira decisiva da grande procissão da nação a despertar<sup>66</sup> (FANON, 2002, p. 126).

Neste ponto, Fanon parece ter descoberto um elemento fundamental para a mobilização do lumpen. Pelo menos no que tange aos casos estudados nessa dissertação, todas as vezes em que se organizou o lumpen politicamente, se valeu, dentre outras coisas, deste mecanismo de deslocar para outro objeto essa violência que o lumpen, em outra situação, despejaria contra seus semelhantes. Obviamente, não pretendemos apontar para uma “lei geral” ou coisa do tipo, mas apenas destacar um fato comum: das Guardas Móveis ao Exército Vermelho de Mao, da Sociedade 10 de Dezembro aos Panteras Negras, como veremos mais adiante, em todos estes casos, quando se mobiliza o lumpen politicamente, o faz dando outro sentido à sua violência, organizando-o militarmente.

### *3.7 Fanon anarquista?*

Tendo em vista essa aparente contradição, já abordada neste capítulo, entre as concepções de Marx e as de Fanon sobre o lumpen, diversos autores buscam utilizar-se dela no terreno da disputa teórica; buscam, explorando-a, aproximar Fanon do anarquismo: “[...]”

---

<sup>66</sup> No original: “Ces désœuvrés, ces déclassés vont, par le canal de l'action militante et décisive retrouver le chemin de la nation.

[...] Ces chômeurs et ces sous-hommes se réhabilitent vis-à-vis d'eux-mêmes et vis-à-vis de l'histoire. Les prostituées elles aussi, les bonnes à 2000 francs, les désespérées, tous ceux et toutes celles qui évoluent entre la folie et le suicide vont se rééquilibrer, vont se remettre en marche et participer de façon décisive à la grande procession de la nation réveillée”.

os pensamentos de Fanon sobre a revolução se aproximam muito mais de Bakunin que de Marx, embora Fanon esteja muito mais frequentemente associado ao pensamento marxista” (KNIGHT, 2018, p. 16). Ou ainda:

O influente livro de Frantz Fanon, *Os Condenados da Terra*, com suas visões maniqueístas dos desprezados e rejeitados erguendo-se das profundezas para exterminar os opressores coloniais, aparece como algo tirado diretamente das obras reunidas de Bakunin<sup>67</sup> (AVRICH, 1972, p. xv, tradução nossa).

Na nossa visão, tal interpretação baseia-se num certo equívoco de interpretação. Vejamos, por exemplo, a seguinte passagem de Knight: “Porém, quando examinamos as teorias revolucionárias de Mikhail Bakunin e Frantz Fanon, podemos observar importantes pensamentos entrecruzados, *independentemente do tempo e lugares diferentes* de onde escreviam” (KNIGHT, 2018, p. 13, grifo nosso). “Independentemente do tempo e lugares diferentes de onde escreviam”. Eis o problema, as opiniões de Marx e Fanon não são juízos eternos, independentes do seu contexto específico. Transformando duas análises concretas de situações concretas em uma espécie de princípios abstratos, os autores pintam uma oposição inexistente entre Fanon e Marx.

Assim, justamente por operar essa abstração do contexto específico no qual se inserem os pensadores, Knight consegue fazer observações como a seguinte: “diferente de muitos dos pensadores mais influenciados pelo marxismo, tanto Bakunin quanto Fanon concordavam que o campesinato é um sujeito revolucionário” (KNIGHT, 2018, p. 16). Faz-se uma leitura tão abstrata de Fanon, visando afastá-lo de Marx, que acaba-se por ignorar o que o próprio Fanon escreve, por ignorar que, no que tange à análise de formações sociais do centro do capitalismo, *ele toma o lado de Marx e Engels*<sup>68</sup> no debate: “As massas camponesas nos países industrializados são, geralmente, as menos conscientes, as menos organizadas, e também, as mais anarquistas”<sup>69</sup> (FANON, 2002, p. 10). A defesa de Fanon do potencial

---

<sup>67</sup> No original: "Frantz Fanon's influential book, *The Wretched of the Earth*, with its Manichaeic visions of the despised and rejected rising from the lower depths to exterminate their colonial oppressors, occasionally reads as though lifted straight out of Bakunin's collected works".

<sup>68</sup> Para não falar do fato, já discutido neste capítulo, de que, ao analisar formações sociais da periferia do capitalismo, Marx defende o potencial revolucionário do campesinato.

<sup>69</sup> No original: "Les masses paysannes dans les pays industrialisés sont généralement les éléments les moins conscients, les moins organisés et aussi les plus anarchistes".

revolucionário do campesinato restringe-se às formações sociais da periferia do sistema capitalista.

E não se trata, apenas, de uma mera disputa sobre a filiação teórica de Fanon. Ocorre que, essa aproximação dele com o anarquismo acaba por impedir-nos de enxergar uma de suas mais fundamentais contribuições para se pensar o lumpemproletariado. Fanon é um importante autor no sentido de não associar o lumpen ao anarquismo, facilitando, assim, o caminho de diversas organizações marxista-leninistas no sentido de militar entre o lumpen. Das organizações que seguiram esse caminho, a mais importante é o Partido dos Panteras Negras, tema do próximo capítulo.

#### 4. Capítulo 3: ...e da periferia ao centro. Os Panteras Negras e o conceito de lumpemproletariado adaptado à realidade estadunidense

“[...] *la politique est elle-même, dans son être, dans son faire, une pensée.*”  
(BADIOU, 1998, p. 34).

Neste capítulo, buscamos expor o conceito de lumpemproletariado segundo o Partido dos Panteras Negras (lúmpen enquanto exército trabalhador da reserva permanentemente na reserva). Além disso, buscamos também desenvolver algumas considerações sobre a relação entre racismo e divisão de classe, bem como assinalar alguns impactos do entendimento (a nosso ver, economicista) que os Panteras tinham do lúmpen sobre os rumos do partido.

##### 4.1 Da Argélia para Oakland. Adaptação do conceito de “lúmpen” por parte dos Panteras Negras

A influência da obra de Frantz Fanon sobre o Partido dos Panteras Negras é indiscutível. Na escola de educação interna do partido de Chicago, Fanon era um autor cuja leitura sistemática de, pelo menos, um de seus livros era obrigatória<sup>70</sup>. Em suas memórias, Bob Seale (co-fundador do partido) lembra como ele e Huey Newton (co-fundador e ministro da defesa) passavam horas discutindo *Os Condenados da Terra* nos seus tempos de estudantes (SEALE, 1970, p. 19). Também Jamal Joseph, ex-militante, conta em sua autobiografia como na sua primeira visita ao partido, ele esperava ansiosamente receber armas, mas acabou voltando para casa apenas com livros de Fanon e Mao (JOSEPH, 2012, p. 46-47).

Claro, essa influência não é apenas fruto da grande estima que a obra do revolucionário martinicano gozava entre os fundadores do partido. Na verdade, ela decorre da própria interpretação teórica que os Panteras faziam da comunidade negra estadunidense. Ou seja, eles davam máxima importância aos escritos Fanon, pois eles viam os guetos negros de seu país como colônias dentro da própria metrópole: “é pelo fato do povo negro dos Estados

---

<sup>70</sup> “Era requerido de cada membro uma leitura cuidadosa de doze livros - seis de ou sobre Mao Tse-Tung, três de ou sobre Malcom X, e um de Huey Newton, um Frantz Fanon e um Karl Marx” (BLOOM e MARTIN, 2013, p. 232).

No original: “Each member was required to closely read a dozen books - six by or about Mao Zedong, three by or about Malcolm X, and one each by Huey Newton, Frantz Fanon and Karl Marx”.

Unidos ser também colonizado que as análises de Fanon nos são tão relevantes”<sup>71</sup> (CLEAVER, 1970, p. 6, tradução nossa). Ou, nas palavras de Newton (2002): “têm uma grande semelhança entre as forças de ocupação do sudoeste asiático e a ocupação de nossas comunidades pela política racista. Os exércitos não são enviados para proteger a população do Vietnã do Sul, mas sim para brutalizá-la e oprimi-la em favor dos interesses dos poderes imperiais”<sup>72</sup> (NEWTON, 2002, p. 149, tradução nossa).

Mas, obviamente, não se trata aqui de uma transposição mecânica da obra de Fanon e sim de uma adaptação<sup>73</sup> cuidadosa. Como vimos (capítulo 2), o conceito de lumpen fanoniano refere-se, em grande parte, a camponeses recém chegados ao meio urbano que ficaram sem emprego e acabaram acumulando-se em guetos, um conceito pouco útil para a mais desenvolvida potência capitalista da história já durante a segunda metade do século XX. Para pensar a sua realidade, os Panteras Negras modificam significativamente o conceito de lumpen, dando-lhe um sentido muito mais abstrato, muito mais próximo de como Marx o tratou em *O Capital* (vide capítulo 1), muito mais ligado apenas à instância do econômico. Eis como o conceito é definido respectivamente por Cleaver (ministro da informação):

---

<sup>71</sup> No original: “It is because of the fact that Black people in the United States are also colonized that Fanon’s analysis is so relevant to us”

<sup>72</sup> No original: “There is a great similarity between the occupying army in Southeast Asia and the occupation of our communities by the racist police. The armies were sent not to protect the people of South Vietnam but to brutalize and oppress them in the self interests of imperial powers”.

<sup>73</sup> “O marxismo nunca lidou de fato com a realidade dos Estados Unidos da América. Existiram tentativas muito boas. Teve gente que fez o máximo que podia ser concebido. Entretanto, no passado, os marxistas-leninistas nos Estados Unidos se apoiaram pesadamente em modelos importados de análise e, com isso, distorcem seriamente a realidade da cena americana. Podemos dizer que o marxismo-leninismo do passado pertence a um período de gestação do marxismo-leninismo nos Estados Unidos, e agora é um tempo que uma nova síntese, estritamente americana, surgirá dos corações e almas do povo oprimido dentro Babilônia, unindo este povo e os lançando fortemente [...] para o futuro” (CLEAVER, 1970, p. 4, tradução nossa).

No original: “But Marxism has never really dealt with the United States of America. There have been some very nice attempts. People have done the best that they know how. However, in the past, Marxist-Leninists in the United States have relied too heavily upon foreign, imported analysis and have seriously distorted the realities of the American scene. We might say that Marxism-Leninism of the past belongs to the gestation period of Marxism-Leninism in the United States, and that now is the time when a new, strictly American ideological synthesis will arise, springing up from the hearts and souls of the oppressed people inside Babylon, and uniting these people and hurling them mightly, from the force of their struggle, into the future”.

O lumpemproletariado engloba todos que não tem uma relação segura ou expectativa de ganho para com os meios de produção ou instituições da sociedade capitalista. Aquela parte do ‘exército industrial de reserva’ mantida perpetuamente na reserva; aqueles que nunca trabalharam e nunca vão; aqueles que não conseguem um emprego; aqueles que não têm habilidades ou não se encaixam; aqueles que foram substituídos pelas máquinas, pela automação ou pela cibernética e jamais foram ‘preservados ou treinados em novos ofícios’; todos que dependem da ajuda estatal (CLEAVER, 1970, p. 7, tradução nossa)<sup>74</sup>.

E por Newton:

[...] Se a revolução não ocorrer quase imediatamente, e eu digo quase imediatamente porque a tecnologia tem dado saltos (dando inclusive um salto em direção à Lua), e se o círculo dominante permanecer no poder, a classe trabalhadora definitivamente irá declinar, eles se tornarão não-empregáveis enchendo as fileiras do lumpen, que são os atuais não-empregáveis<sup>75</sup> (NEWTON, 2002, p. 166).

“Aquela parte do ‘exército industrial de reserva’ mantido perpetuamente na reserva”; a classe de “não empregáveis” que tende só a crescer porque se exige cada vez mais qualificação e menos pessoas para operar a produção. “Em síntese, todos aqueles que simplesmente foram excluídos da economia e privados de sua legítima herança social” (CLEAVER, 2020, p. 186).

Nesse sentido, o conceito de lumpen dos Panteras difere do nosso em um aspecto significativo. Para eles, a definição se dá meramente no nível da produção, a partir do (não)lugar ocupado por ele no processo produtivo, enquanto, por outro lado, a definição que temos sustentado nesta dissertação concebe o lumpen também a partir de sua relação específica com os Aparelhos Ideológicos e Repressivos de Estado. Tal divergência traz, a nosso ver, significativos impactos na própria prática política dos Panteras.

---

<sup>74</sup> No original: The Lumpenproletariat are all those who have no secure relationship or vested interest in the means of production and the institutions of capitalist society. That part of the ‘Industrial Reserve Army’ held perpetually in reserve; who have never worked and never will; who can’t find a job; who are unskilled and unfit; who have been displaced by machines, automation, and cybernation, and were never ‘retained or invested with new skills’; all those on Welfare or receiving State Aid” .

<sup>75</sup> No original: “If revolution does not occur almost immediately, and I say almost immediately because technology is making leaps (it made a leap all the way to the moon), and if the ruling circle remains in power the proletariat working class will definitely be on the decline because they will be unemployables and therefore swell the ranks of the lumpens, who are the present unemployables”.

Mas deixemos as divergências para mais à frente, exploremos antes as ricas contribuições que a teorização dos Panteras fornecem para pensarmos a relação entre raça e classe nos Estados Unidos.

#### *4.2 Racismo e formação do lumpen negro estadunidense*

Inegavelmente, uma das principais contribuições teóricas dos Panteras Negras consiste em pensar o lumpen negro como uma divisão no seio da classe trabalhadora:

Tanto na metrópole quanto na colônia negra, a classe trabalhadora é a ala direita do proletariado, e o lumpemproletariado é sua ala esquerda. Dentro da própria classe trabalhadora temos uma contradição principal entre desempregados e empregados. E, dentro do proletariado, temos definitivamente uma contradição principal entre a classe trabalhadora e o lumpen<sup>76</sup>. (CLEAVER, 1970, p. 8).

Aqui, acreditamos ser necessário adaptar a terminologia de Cleaver. Para ele, “proletariado” é um termo mais genérico que engloba tanto a “classe trabalhadora” quanto o “lumpen”. Já nós, seguindo a tradição marxiana, consideramos “classe trabalhadora” como o termo mais geral e “proletariado” como um segmento específico desta classe (MARX, 2013). Mas, uma vez feitas essas ponderações terminológicas, seguiremos as ideias de Cleaver.

E não só uma divisão no seio da classe trabalhadora, o lumpen é visto como um elemento que, devido ao desenvolvimento tecnológico, está destinado a se tornar a maioria<sup>77</sup> e que, munido de uma teoria revolucionária, poderá ser a vanguarda da classe trabalhadora:

Essencialmente, o que Huey fez foi fornecer a ideologia e a metodologia para organizar o lumpemproletariado negro urbano. Armado com essa perspectiva ideológica e com esse método, Huey transformou o lumpemproletariado

---

<sup>76</sup> No original: “In both the Mother Country and the Black Colony, the Working Class is the Right Wing of the Proletariat, and the Lumpenproletariat is the Left Wing. Within the Working class itself, we have a major contradiction between the Unemployed and the Employed. And we definitely have a major contradiction between the Working Class and the Lumpen”.

<sup>77</sup> “É essa mudança futura - o aumento do lumpemproletariado e a diminuição do proletariado - que nos faz dizer que o lumpemproletariado é maioria e carrega o estandarte da revolução” (NEWTON, 2002, p. 193, tradução nossa).

No original: “It is this future change -the increase of the lumpen proletariat and the decrease of the proletariat-which makes us say that the lumpen proletariat is the majority and carries the revolutionary banner”.

negro, até então pessoas esquecidas nas margens da sociedade, na *vanguarda do proletariado*<sup>78</sup> (CLEAVER, 1970, p. 2, grifo nosso, tradução nossa).

A reflexão dos Panteras abre um interessante caminho de análise que tentaremos continuar. Caminho este que se revela a partir da seguinte questão: “como ocorre este fracionamento na classe trabalhadora?”. A fecunda, mas não totalmente desenvolvida, resposta dos Panteras é uma só: *a classe trabalhadora é fracionada através da ideologia racial*<sup>79</sup>: “[...] Elas [as classes dominantes] tinham um povo negro, um povo pobre branco, um povo pobre de pele vermelha, um povo porto-riquenho pobre, um povo latino-americano pobre, pessoas de todas as descendências. E elas prendiam todos em seus movimentos baseados na raça [...]”<sup>80</sup> (HAMPTON, 2020, tradução nossa).

Divisão essa que nos parece fundamental para conceituar o lúmpen negro estadunidense. Afinal, a história dos Estados Unidos é, também, a história da lumpenização de parte de sua população operada pela ideologia racial. Eis como Bloom e Martin (2013) pintam o cenário norte-americano:

Após migrar para as cidades do norte e do oeste para satisfazer a demandas de empregos durante a Segunda Guerra, milhares de trabalhadores negros são deixados de mãos vazias quando a guerra termina e os empregos evaporam. Muitos dos empregos restantes seguiam os brancos e migravam para os subúrbios - deixando enormes guetos negros para trás. Vivendo em casas abaixo do padrão e sujeitos a escolas inferiores e superlotadas, os negros eram impedidos de qualquer acesso tanto ao poder político quanto à oportunidade econômica. Conforme aumentava o desemprego, crescia junto o crime, e os políticos brancos respondiam com estratégias de contenção,

---

<sup>78</sup> No original: “Essentially, what Huey did was to provide the ideology and the methodology for organizing the Black Urban Lumpenproletariat. Armed with this ideological perspective and method, Huey transformed the Black lumpenproletariat from the forgotten people at the bottom of society into the vanguard of the proletariat”.

<sup>79</sup> A título de esclarecimento, lembramos que essa concepção dos Panteras de que a ideologia da raça separa a classe trabalhadora não era exatamente uma invenção deles, ela já existia no movimento negro dos Estados Unidos, pelo menos, desde as experiências do Partido Comunista nos anos 20 (HAIDER, 2019, p. 90-91). Du Bois, por exemplo, ainda nos anos 30, defendia explicitamente essa visão: “A teoria da raça foi complementada por um método cuidadosamente planejado e lentamente desenvolvido, que levou a um fosso entre os trabalhadores brancos e negros, a ponto de hoje provavelmente não existir no mundo dois grupos de trabalhadores com interesses praticamente idênticos que se odeiem e se temam entre si tão profunda e permanentemente, e que são mantidos tão distantes que nenhum dos dois enxerga qualquer interesse comum (DU BOIS, apud HAIDER, 2019, p. 80).

<sup>80</sup> No original: “they had black people and white poor people and red poor people and puerto rican poor people and latin american poor people, poor people of all descent . They had them caught up in their movements based on race”.

reforçando o policiamento e lidando com o crime por meio da força<sup>81</sup> (BLOOM e MARTIN, 2013, p. 27, tradução nossa).

Ou seja, nos Estados Unidos, a partir do pós-Guerra, o que decidia se você era um proletário desempregado ou um lumpem não-empregável e forçado a viver de pequenos (ou grandes) delitos ou do Estado de bem-estar, era a cor de sua pele. Em Los Angeles, por exemplo, as maiores agências de emprego explicitamente excluía negros de suas listas. Algumas, mais discretas, até preferiam adotar mecanismos mais democráticos de segregação e colocar como exigência níveis escolares propositalmente elevados e inalcançáveis para a maioria da comunidade negra, mas, de qualquer jeito, o efeito era o mesmo: desemprego em massa dessa comunidade (HORNE, 1995). Nos anos 70, para faixa etária abaixo dos 21 anos, o desemprego entre negros era cinco vezes maior do que entre brancos, a renda média de uma família branca era 89% maior do que a de uma família negra (WORSELEY, 1972).

E o problema não para por aí, essa divisão via ideologia racial não opera apenas na separação entre proletariado e lumpem, mas, também, segmentando o próprio proletariado. “Há uma diferença entre os problemas da classe trabalhadora da mãe pátria e a classe trabalhadora da colônia preta” (CLEAVER, 2018, p. 185). Sobre essa questão, uma das mais completas abordagens é a que fora realizada por Stuart Hall em seu livro sobre a nova hegemonia capitalista da “lei e ordem” que se instaura na Inglaterra, de tal forma que, mesmo não se tratando diretamente de uma análise da formação social estadunidense, vale a pena nos determos por um momento em suas reflexões. Eis o que diz Hall: “A raça é um dos principais mecanismos através do qual, dentro mesmo do local de trabalho, a reprodução de uma classe trabalhadora internamente dividida se realiza<sup>82</sup>” (HALL et al, 1978, p. 346). Ou ainda:

Existem mecanismos específicos que servem para reproduzir o que parece ser uma ‘divisão racial do trabalho’ dentro, e como uma característica estrutural, da divisão geral do trabalho. Não apenas esses mecanismos são específicos da

---

<sup>81</sup> No original: “After migrating to the cities of the North and West to meet the demand for wartime jobs, thousands of black workers were left empty-handed when the war ended and the jobs evaporated. Many of the jobs that did remain followed whites fleeing to the suburbs—leaving sprawling black ghettos in their wake. Living in substandard housing and subjected to inferior and overcrowded schools, blacks were largely denied their rightful share of political power and economic opportunity. As unemployment increased, so did crime, and white urban politicians responded with strategies of containment, beefing up police patrols and attacking crime through force”.

<sup>82</sup> No original: “Race is one of the main mechanisms by which, inside and outside the work-place itself, this reproduction of an internally divided labour force has been accomplished”.

raça; eles têm um impacto diferenciado, variando de acordo com sexo e geração, dentro da própria força de trabalho negra. Assim, *eles servem para sustentar uma fragmentação política da classe em segmentos ou frações de classe racializadas*, e para colocá-los em competição uns com os outros<sup>83</sup> (HALL et al, 1978, p. 345, tradução nossa, grifo nosso).

Ou seja, Stuart Hall é um claro adepto e desenvolvedor da tese da divisão da classe trabalhadora operado, entre outras coisas, pela ideologia da raça. Fenômeno que, para ele, pode decorrer tanto por uma política deliberada das classes dominantes quanto pelo resultado de uma disputa por empregos em seu seio em período de crise. Em relação à primeira questão, diz ele:

Já em dezembro de 1973, o “White Paper” [documento emitido pelo governo inglês] sobre as relações polícia-imigrantes havia alertado da necessidade, nos meses que viriam, de separar ‘a grande maioria de cidadãos trabalhadores obedientes à lei’ de uma ‘pequena minoria de pessoas de cor’, descontentes com a falta de oportunidades de emprego [...]’<sup>84</sup> (HALL et al, 1978, p. 329, tradução nossa).

Sobre o segundo ponto, esclarece:

Conforme as circunstâncias econômicas apertam, aumenta também a competição entre trabalhadores, de tal forma que a competição estruturada em termos de raça ou cor também se amplia. É precisamente neste ponto que o National Front [grupo neofascista inglês] tem apostado com considerável sucesso. Assim, a crise da classe trabalhadora se reproduz através dos mecanismos estruturais do racismo, como uma crise dentro da classe trabalhadora. Um setor colonizado é jogado contra o outro<sup>85</sup> (HALL, 1978, p. 339, tradução nossa).

---

<sup>83</sup> No original: “There are specific mechanisms which serve to reproduce what almost appears to be a 'racial division of labour' within, and as a structural feature of, the general division of labour. Not only are these mechanisms race-specific; they have a differentiated impact on the different sexes and generations within the black labour force. Thus they serve to underpin and support the political fragmentation of the class into racially segmented classes or class fractions, and to set them in competition with one another”.

<sup>84</sup> No original: “As early as December 1973, the White Paper on police-immigrant relations had warned of the necessity, in the coming months, to separate 'the great majority of hard working, law-abiding citizens' from the 'small minority of young coloured people', discontented with the lack of job opportunities”.

<sup>85</sup> No original: “As economic circumstances tighten, so the competitive struggle between workers is increased, and a competition structured in terms of race or colour distinctions has a great deal of mileage. It is precisely on this nerve that the National Front [grupo neofascista inglês] is playing at the moment, with considerable effect. So the crisis of the working class is reproduced, once again, through the structural mechanisms of racism, as a crisis within and between the working classes. It sets one colonised sector against another”.

### 4.3 *Organizando uma classe dividida: a classe-povo, ou da correta resolução das contradições no seio da classe*

Terminamos a seção anterior com uma constatação teórica que é ao mesmo tempo um problema político: a classe trabalhadora é fragmentada pela ideologia racial, o que coloca obstáculos para sua organização enquanto classe. Stuart Hall, mais uma vez, coloca brilhantemente o problema:

O capital reproduz a classe como um todo estruturado pela raça. [...] Ele contém e desabilita as organizações de classe confinando-as, em parte, a estratégias de luta puramente raciais, que não ultrapassam esses limites, essas barreiras. Através da raça, o capital continua a derrotar as tentativas de construir, no nível político, organizações que de fato *representam* a classe como um todo - isso é, que a representa *contra o capitalismo, contra o racismo*<sup>86</sup> (HALL, 1978, p. 395, tradução nossa).

Isso dito, parece-nos que, além de colocar o problema, em sua prática política, os Panteras Negras também resolvem a questão. Vejamos como isso se dá.

Tudo começou na seção de Chicago do Partido, quando um de seus militantes e fundadores, Bob Lee, foi convidado para fazer uma fala na Igreja das Três Cruzes, uma igreja situada na parte norte da cidade, área habitada por brancos pobres e ponto de recrutamento da Ku Klux Klan. Junto com Lee, também haviam sido convidados alguns membros da organização de brancos pobres chamada Young Patriots (YPO). Devido a sua fala carregada de denúncia dos abusos policiais, os Patriots tiveram uma recepção bastante hostil dos ouvintes. Lee se identificou na hora. A mesma polícia que o oprimia, oprimia também os brancos pobres. Naquele dia, começava, então, a se formar a *coalizão arco-íris*, uma coalizão pluriétnica formada por organizações da classe trabalhadora e sobre a liderança dos Panteras:

Os Panteras Negras de Illinois [Província onde se situa a cidade de Chicago] se esforçaram para construir alianças com cinco grupos de diferentes “backgrounds” de raça, etnia e classe. Esses incluíam: o BSR, uma gangue da região Sul que desenvolvera consciência social; SDS, uma organização

---

<sup>86</sup> No original: “Capital reproduces the class as a whole, structured by race. [...] It contains and disables the representative class organizations by confining them, in part, to strategies and struggles which are race-specific, which do not surmount its limits, its barriers. Through race, it continues to defeat the attempts to construct, at the political level, organisations which do in fact adequately represent the class *as a whole* - that is, which represent it *against capitalism, against racism*”.

política revolucionária de estudantes universitários brancos; os Young Lords, uma gangue de porto-riquenhos conscientes das questões sociais; os YPO [Young Patriots], uma gangue de migrantes caipiras; e Rising Up Angry (RUA) um grupo de jovens greasers [subcultura que se inspirava no estilo Rock and Roll] de Logan Square<sup>87</sup> (WILLIAMS, 2013, p. 128, tradução nossa).

No que tange ao tema da superação da fragmentação da classe trabalhadora<sup>88</sup>, parece-nos que a coalizão arco-íris tem duas características que merecem ser destacadas: primeiramente, um esforço militante constante para superar essas divisões. Nas palavras de Fred Hampton (mais importante articulador da coalizão):

Temos que encarar os fatos. As massas são pobres, as massas pertencem a que chamamos de “classes baixas”, e quando eu falo de massa, estou falando de massas brancas, estou falando de massas negras, estou falando de massas marrons, e de massas amarelas também. Temos que encarar o fato que algumas pessoas dizem que se combate fogo com fogo, mas nós dizemos que é melhor combater fogo com água. Nós dizemos que não se luta contra o racismo com racismo. Se luta melhor contra o racismo com solidariedade. Nós dizemos que não se luta contra o capitalismo com capitalismo negro; se luta contra o capitalismo com socialismo<sup>89</sup> (HAMPTON, 1969).

Assim, quando aumentam as tensões raciais nos colégios, a Coalizão Arco-íris faz um forte esforço para neutralizá-las<sup>90</sup>, e quando trabalhadores brancos da construção civil se

---

<sup>87</sup> No original: “The ilbpp met and attempted to build alliances with five youth groups from different racial, ethnic, and class backgrounds. These included the bsr , a South Side gang that developed a social consciousness; sds , a revolutionary, politically organized group of white college students; the Young Lords, a socially conscious Puerto Rican gang; the ypo , a gang of Appalachian white migrants; and Rising Up Angry ( rua ), a club of young greasers from Logan Square”.

<sup>88</sup> Tema brilhantemente abordado, também, por Cleaver (2020): [...] não haverá nenhuma revolução ou libertação negra nos Estados Unidos enquanto os revolucionários negros, brancos, mexicanos, porto-riquenhos, indígenas, chineses e esquimós não estiverem dispostos ou não forem capazes de se unir em uma maquinaria funcional, que possa dar conta da situação (p. 142-143).

<sup>89</sup> No original: We got to face some facts. That the masses are poor, that the masses belong to what you call the lower class, and when I talk about the masses, I'm talking about the white masses, I'm talking about the black masses, and the brown masses, and the yellow masses, too. We've got to face the fact that some people say you fight fire best with fire, but we say you put fire out best with water. We say you don't fight racism with racism. We're gonna fight racism with solidarity. We say you don't fight capitalism with no black capitalism; you fight capitalism with socialism”.

<sup>90</sup> Durante o outono de 1969, as tensões raciais no Colégio Austin High dispararam pelo fato de, devido à prática de blockbusting [quando membros de determinada raça ou classe se sentem ameaçados com a migração de um grupo diferente e vendem suas casas a preços abaixo do mercado], a composição demográfica dos estudantes ter mudado drasticamente em um ano. A comunidade deixa de ser majoritariamente branca para se converter em um distrito com 65% de afro-americanos. Assim, estudantes negros, que antes eram vítimas de agressões raciais, logo se tornam os agressores dos estudantes brancos. [...]. O RUA tomou a iniciativa de

mostravam com medo de ter seus empregos roubados pelos negros, o RUA (organização branca que integrava a coalizão) intervém explicitamente para combater esse racismo<sup>91</sup>.

E, em segundo lugar, a coalizão também demonstrava um grande respeito pelas demandas específicas de cada organização: “As pessoas não foram requisitadas a abandonar suas identidades, mas a usá-las como uma maneira de construir pontes para formar alianças em torno do combate à pobreza ou qualquer outra pauta que considerassem importante” (WILLIAMS apud MCCANNE, 2019).

Bom, apesar de, na nossa visão, os Panteras terem resolvido a questão do fracionamento da classe trabalhadora em sua prática política, eles não sistematizaram essa experiência no nível teórico. Compreendemos que cabe, então, ao pesquisador realizar essa tarefa ou ao menos dar os primeiros passos: para poder cumprir esse objetivo, é necessário retornarmos a uma das maiores, se não a maior, influência teórica do Partido, Mao Tse-Tung. No contexto da revolução chinesa, Mao se vê frente a um problema parecido com o dos

---

remediar a situação e levou os Panteras para ajudar a resolver o conflito. [...] Durante as reuniões, estudantes negros e brancos continuamente repetiam a retórica dos Panteras: ‘Nós não odiamos os brancos; nós odiamos o opressor. Seja ele branco ou negro, nós o odiamos’ (WILLIAMS, 2013, 154, tradução nossa).

No original: “During the fall of 1969, racial tensions mounted at Austin High School as the demographic makeup of its student population shifted dramatically in one year due to real estate block busting. The community transformed from a majority-white to a 65 percent African American district. As a result, black students who had been victims of racial assaults when they were outnumbered at the school soon became the aggressors and attacked white students. A violent racial episode erupted at Tilden High School that same week. rua took the initiative to attempt to remedy the situation, bringing in the Panthers to help resolve the conflict. [...] During meetings with both black and white students, rua members continuously quoted Panther rhetoric: ‘We don’t hate white people; we hate the oppressor. If he happens to be white, or black, we hate him’”.

<sup>91</sup> Eis o que eles dizem no seu jornal: “Nos últimos 10 anos, o número de trabalhos não qualificados baixou de 13 milhões para 4 milhões. Geralmente, o povo negro é o primeiro a perder seu emprego. A situação chegou a tal ponto que o desemprego entre os jovens negros está em cerca de 20%, o mesmo nível da época da grande depressão. A taxa de desemprego para jovens brancos é o dobro do que para os mais velhos... Então, nós precisamos entender quem é o verdadeiro inimigo. O povo negro que quer igualdade não é o inimigo... O inimigo é o sistema que nos coloca uns contra os outros... Se os trabalhadores brancos da construção de Chicago ou de Pitsburg entrassem em greve... eles não iam querer que os negros abandonassem o piquete. E se trabalhadores negros das fábricas de Chicago ou Pitsburg entrassem em greve... eles iriam querer que os brancos se juntassem a eles... Quanto mais homens e mulheres aderem, maiores as chances das demandas serem atendidas... Isso significa que é muito melhor para nós permanecermos juntos” (WILLIAMS, 2013, p. 158-159, tradução nossa).

No original: “In the last 10 years the number of unskilled jobs dropped from 13 million to 4 million. Usually, black people are the first to lose their jobs. It’s gotten so bad that unemployment for black youth is up to about 20%, equal to the Great Depression of the 30’s. The rate of unemployment for young whites is twice that of older whites. . . . So we must understand who the real enemy is. Black people who want equality are not the enemy. . . . The enemy is the system that pits us against each other. . . . If white construction workers in Chicago or Pittsburgh were to go on strike, they wouldn’t want the black to cross the picket line. And if black factory workers in Chicago or Pittsburgh were to strike . . . they’d want white workers to go out with them. . . . The more men and women who go out, the better the chance that the workers’ demands will be met. . . . That just means that it’s much better for us to stick together”.

Panteras: a necessidade de unificar diferentes classes e frações de classes para conquistar a independência chinesa contra jugo colonial. Para isso, ele desenvolve o conceito de *povo*, ou seja, a ideia de que, frente a uma contradição maior, é possível agrupar várias classes que se unem para a luta sem com isso perderem suas especificidades:

A noção de ‘povo’ toma um significado diferente de acordo com cada país e de acordo com cada período de sua história. Peguemos o exemplo de nosso país. No curso da Guerra de Resistência contra o Japão, todas as classes e camadas sociais, todos os grupos sociais opostos ao Japão, faziam parte do povo, enquanto os imperialistas japoneses, os traidores e os elementos pró-japoneses eram os inimigos do povo. Durante a Guerra de Libertação, os inimigos do povo eram os imperialistas americanos e seus lacaios - a burguesia burocrática, os latifundiários e os reacionários do Kuomintang [partido nacionalista] que representavam essas duas classes, enquanto que todas as classes e camadas sociais e todos os grupos sociais que combatiam esses inimigos faziam parte do povo<sup>92</sup> (MAO TSE-TOUNG, 1972, p. 469, tradução nossa).

Ou seja, para Mao, frente a uma contradição principal e, a partir dela, é possível agrupar diversas classes e frações (sem que essas se desarticulem enquanto classes ou frações) e constituir o povo. Estamos aqui frente a um equilíbrio sutil entre a necessidade de uma unidade (“centralismo”) e a valorização das particularidades (“democracia”):

No seio do povo, a democracia é correlativa ao centralismo, a liberdade à disciplina. São dois aspectos contraditórios de um todo único; eles estão em contradição, mas ao mesmo tempo estão unidos, e não devemos evidenciar unilateralmente um destes aspectos negando o outro<sup>93</sup> (MAO TSE-TOUNG, p. 474, tradução nossa).

Assim o que nos parece é que, *na sua prática*, os Panteras Negras acabam por fazer uma adaptação criativa do conceito de povo (um conceito pensado como união contraditória

---

<sup>92</sup> Traduzido de: “La notion de ‘peuple’ prend un sens différent selon les pays et selon les périodes de leur histoire. Prenons l'exemple de notre pays. Au cours de la Guerre de Résistance contre le Japon, toutes les classes et couches sociales et tous les groupes sociaux opposés au Japon faisaient partie du peuple, tandis que les impérialistes japonais, les traîtres et les éléments projaponais étaient les ennemis du peuple. Pendant la Guerre de Libération, les ennemis du peuple étaient les impérialistes américains et leurs laquais - la bourgeoisie bureaucratique, les propriétaires fonciers et les réactionnaires du Kuomintang qui représentaient ces deux classes, alors que toutes les classes et couches sociales et tous les groupes sociaux qui combattaient ces ennemis faisaient partie du peuple”.

<sup>93</sup> Traduzido de: “Au sein du peuple, la démocratie est corrélative du centralisme, la liberté de la discipline. Ce sont deux aspects contradictoires d’un tout unique; ils sont en contradiction, mais en même temps unis, et nous ne devons pas souligner unilatéralement l’un de ces aspects et nier l’autre”.

entre diferentes classes) para resolver uma divisão interna à classe. Ocorre uma espécie de apropriação das considerações de Mao para a resolução de contradições no seio do povo para, com isso, resolver as contradições no seio da classe. Desenvolve-se, com a Coalizão Arco-íris, o que chamamos aqui de *classe-povo*.

#### 4.4 Política identitária e dissolução da classe-povo

Permitam-nos um parêntese na exposição. Acreditamos que, entendendo o lumpen negro como uma fração da classe trabalhadora, e pensando a superação dessa fragmentação por meio de uma política de classe-povo, chegamos a um acúmulo teórico que nos permite traçar algumas considerações sobre uma questão extremamente atual, a *política identitária*. Assim, dada à cadência dessa questão, não resistimos à tentação de traçar alguns comentários sobre ela. Em uma primeira aproximação, concebemos a política identitária como uma política que se fundamenta *apenas* nas identidades (essas vistas, geralmente, como um dado natural, fixo) e, por isso, não realiza uma crítica do capitalismo e dos valores burgueses (HAIDER, 2019, p. 31-53)<sup>94</sup>. Se “ignora o político e o concreto e se concentra no mito e na fantasia” (HARRISON, 2020, p. 108).

Para entendermos como os conceitos mobilizados até aqui permitem uma abordagem dessa questão, voltemos novamente a Mao Tse-Tung:

Em condições normais, as contradições no seio do povo não são antagônicas. No entanto, se não resolvidas de maneira correta, ou se nos entregarmos ao descuido e à negligência, elas podem se tornar antagônicas. [...] Os reacionários no interior de um país socialista, em cumplicidade com os imperialistas, buscam completar sua trama explorando as contradições no

---

<sup>94</sup> Nas palavras de Linda Harrison (2020) em artigo publicado no jornal do Partido, em 2 de fevereiro de 1969: “Como o nacionalismo cultural [nome dado à política identitária] não oferece nenhum desafio ou risco contra a ordem social vigente, o aumento no contingente de atores, estrelas de cinema, assistentes sociais, professores, oficiais de condicional e políticos ‘negros e orgulhosos’ é imenso. A posição da burguesia e da classe superior não é um obstáculo para o ‘negro’ e vice-versa. A estrutura de poder, depois da necessária luta, tolera e até venera esse orgulho recém encontrado, o qual ela utiliza para vender cada produto que existe sob o sol. Ela venera e tolera qualquer coisa que seja inofensiva e não apresente qualquer ameaça à ordem existente. Até mesmo seus maiores representantes dão boas-vindas a este orgulho e o transformam em ‘capitalismo negro’ e fenômenos relacionados” (p. 109).

seio do povo para fomentar a divisão e a desordem<sup>95</sup> (MAO TSE-TOUNG, 1972, p. 477, tradução nossa).

Ou seja, faz parte da política das classes dominantes tentar desestabilizar a unidade do povo. Nesse sentido, a política identitária, pensada a partir da experiência dos Panteras, pode ser compreendida como uma combinação de dois momentos: 1) A mobilização de um essencialismo de raça que atua implodindo a unidade da classe-povo (é, por exemplo, a tese de que os diferentes grupos racializados nada têm a ganhar numa aliança entre si). 2) Uma tentativa de apagamento da própria contradição que dá origem ao povo. É o caso, por exemplo, da tese de que a burguesia negra seria, apenas pelo fato de ser negra, uma aliada. Em outras palavras, uma política identitária (por exemplo, uma política baseada apenas na raça<sup>96</sup>) tanto impede a união de diferentes frações racializadas, como apaga a contradição que estrutura a constituição da classe-povo<sup>97</sup>, a contradição entre classes.

---

<sup>95</sup> Traduzido de: “Em condições normais, as contradições no seio do povo não são antagônicas. No entanto, se não resolvidas de maneira correta, ou se nos entregarmos ao descuido e à negligência, elas podem se tornar antagônicas. [...] Os reacionários no interior de um país socialista, em cumplicidade com os imperialistas, buscam completar sua trama explorando as contradições no seio do povo para fomentar a divisão e a desordem”.

<sup>96</sup> Na prática política dos Panteras, a neutralização de correntes políticas unicamente baseadas na raça era um de seus principais focos. Eis, por exemplo, o que Fred Hampton (1969) diz sobre o tema: “O homem que testemunhou contra o presidente Bobby no julgamento conspiratório de Chicago, é um homem negro. O homem que colocou o presidente Bobby em um julgamento com risco de pena de morte em Connecticut, é um homem negro. O homem que assassinou Malcolm X é um homem negro. O juiz que negou uma fiança à Eldridge Cleaver após um homem branco o ter concedido - um preto que investigava seus semelhantes e dizia, ‘Seu preto, você não deveria estar na rua’, era um homem negro”.

No original: “The man that testified against Chairman Bobby in the Conspiracy Trial down in Chicago was a black man. The man that has Chairman Bobby on a murder trial in Connecticut is a black man. The man who murdered Malcolm X is a black man. The judge that denied Eldridge Cleaver bond after a white man had granted him bond—a nigger who investigated on his own and said, “Nigger, I don’t think you ought to be on the street,” was a black man”.

<sup>97</sup> É o caso, por exemplo, de facções dentro dos próprios Panteras que alegavam que o partido tinha a obrigação de pagar a fiança de militantes que cometiam assaltos unicamente devido a sua cor de pele: “Cerca de seis irmãos e irmãs do Partido discordaram e diziam que nós devíamos pagar a fiança deles. Quando nos perguntamos o porquê, eles disseram: ‘porque eles são negros.’ E nós dissemos: ‘Não, nós não vamos cobrir a fiança só porque eles são negros. Eles não estão servindo o povo. Na verdade, eles estão destruindo o Partido. Temos de fazer o povo saber que esse tipo de indivíduo não controla o partido. Devemos expulsá-los.’ Esse pequeno grupo de cinco ou seis caras não gostou, e nós dissemos que eles que levantassem o dinheiro da fiança sozinhos, se quisessem. Esse foi o início de uma pequena facção sem-vergonha de racistas negros dentro do partido. No fim das contas, essa facção tinha um agente provocador [...]. P--- era um agente provocador que entrou no Partido em 1968. Essa pequena facção era mais chegada a um racismo negro do que um programa revolucionário de servir ao povo. Essa pequena facção não entendia que se tratava de uma luta de classes, e não de uma luta de raças” (SEALE, 1970, p. 207).

No original: “About six brothers and sisters in the Party disagreed, and said we should bail them out anyway. When we asked why, they said, “Because they’re black.” We said, “No, we’re not gonna bail them out just because they’re black. They’re not serving the people. In fact they’re destroying the Party. We got to let people know that these type of individuals are not running the Party. We should kick them out.” This small group of

E não só isso. Uma vez destruída a política antirracista de massas (a classe-povo), a política identitária ocupa o vácuo que surge dificultando o surgimento de qualquer política que não seja ela própria:

Evidentemente, é por isso que as reações à crítica da política identitária podem ser tão ásperas. Quando não há outro esforço organizativo para combater o racismo, qualquer questionamento da concepção de identidade pode parecer como uma tentativa de negar a validade da luta antirracista. Na verdade, mais do que isso. Questionar a própria ideologia racial pode parecer uma negação da capacidade de agir dos oprimidos (HAIDER, 2019, p. 93).

#### 4.5 *Militando no seio do lumpen: especificidades táticas e contradições*

Vamos, finalmente, tratar do conceito de lumpen dos Panteras em contraposição ao conceito por nós proposto. Como vimos no início do capítulo, os intelectuais ligados ao partido o definem como “aquela parte do ‘exército industrial de reserva’ mantido perpetuamente na reserva”. O problema é que restringindo a definição puramente à instância econômica, encontramos-nos com a dificuldade já expressa no capítulo 1: torna-se impossível estabelecer diferença entre a superpopulação estagnante e o lumpen, entre o trabalhador que, por algum motivo não arruma emprego, e o lumpesinato que vive por outros meios. Dessa forma, nos parece que, se os lermos através de nossa definição de lumpen, os Panteras passam a não mais ser o partido dele, mas sim *o partido do lumpen e de parte de proletários (sem emprego)*, do desempregado não empregável e do “assim chamado ‘elemento criminoso’, [d]aqueles que vivem de sua esperteza [...] que enfiam armas nas caras dos homens de negócios [...]” (CLEAVER, 2020, p. 186). Tal distinção, longe de ser apenas uma minúcia acadêmica, compõe, na nossa visão, um ponto fundamental para se pensar as contradições da prática política do partido.

Primeiramente, não só os Panteras, mas também diversos intelectuais que os estudaram já levantaram a questão de que militar nas periferias negras, entre os

---

five or six cats didn't like that, so we told them to go raise the bail money themselves. That was the start of a little black racist jackanape faction in the Party. As it turned out, this faction had an agent provocateur in it and we didn't know it. P----- was a righteous agent provocateur who came into the Party in 1968. This little faction of cats was hanging on more to black racism than to a progressive revolutionary program of serving the people. This little faction didn't understand that it was a class struggle we were in, and not a race struggle”.

desempregados, pede mediações táticas completamente diferentes do que uma militância entre o proletariado industrial:

A contradição entre lúmpen e classe trabalhadora é séria porque ela dita até mesmo uma estratégia diferente e um diferente conjunto de táticas. Os estudantes focam suas rebeliões nos campi, a classe trabalhadora foca suas rebeliões nas fábricas e nos piquetes. Mas o lúmpen se encontra em uma posição peculiar de não ter emprego e de não poder frequentar as universidades. O lúmpen não tem escolha a não ser manifestar sua rebelião na universidade das ruas<sup>98</sup> (CLEAVER, 1970, p. 9-10, tradução nossa).

Ou ainda:

Em termos econômicos, a população negra americana é uma classe distinta e superexplorada dentro da mais ampla classe trabalhadora (branca). A qualquer momento, ela é recrutada para os degraus mais baixos da escala ocupacional, e uma substancial maioria é permanentemente marginal, desempregada ou subempregada. Portanto, a política negra nunca conseguiu funcionar exclusivamente dentro da vanguarda industrial, ou se desenvolver apenas ao redor da produção. Ela tem sido obrigada a adotar uma abordagem mais ‘populista’ para sua constituição, e militar nas comunidades. Aqui, a base do gueto e a politização dos desempregados se torna um fator chave<sup>99</sup> (HALL, 1978, p. 387, tradução nossa).

Mas, vejamos mais concretamente o que, exatamente, é “manifestar a rebelião na universidade das ruas”. De início, a principal atividade do partido consistia em “patrulhar a polícia”. Vivendo em comunidades negras onde era cotidiano o abuso policial, a intimidação, a violência, os assassinatos de inocentes, os Panteras começam sua militância numa prática que se resumia em: levar, numa mão uma Magnum .357 e na outra uma constituição dos Estados Unidos e seguir a viatura de polícia, acompanhando-a em suas rondas nos bairros

---

<sup>98</sup> No original: “The contradiction between the Lumpen and the Working Class is very serious because it even dictates a different strategy and set of tactics. The students focus their rebellions on the campuses, and the Working Class focuses its rebellions on the factories and picket lines. But the Lumpen finds itself in the peculiar position of being unable to find a job and therefore is unable to attend the Universities. The Lumpen has no choice but to manifest its rebellion in the University of the Streets (CLEAVER, 1970, p. 9-10)”.

<sup>99</sup> No original: “In economic terms, the American black population is a distinct superexploited class within the wider (white) working class. At any time, it is substantially recruited to the lowest rungs of the occupational ladder, and a substantial majority are permanently marginal, under-or unemployed. Black politics has, therefore, never been able to function exclusively with the advanced industrial vanguard, or to develop exclusively around the point of production. It has been obliged to adopt a more ‘populist’ approach to its constituency, and to work from a community base. Here, the base in the ghetto and the importance of the politicisation of the unemployed became key political factor”.

negros visando impedir qualquer abuso. E mesmo que com o tempo o patrulhamento da polícia tenha perdido importância, o elemento da autodefesa armada continuou sendo um aspecto fundamental do partido nos seus anos de auge. Nas palavras de Huey Newton:

Ele [o povo negro] não representa um poder econômico ou industrial porque não possui os meios de produção. A única maneira dele se tornar político é representando o que é comumente chamado de um poder militar - o que o Partido dos Panteras Negras para Autodefesa chama de Poder de Autodefesa. O povo negro pode desenvolver sua autodefesa se armando. De casa em casa, comunidade em comunidade, por toda a nação<sup>100</sup> (NEWTON apud BLOOM e MARTIM 2013, p. 68, tradução nosso).

Disciplina era uma palavra a todo tempo levantada. O Partido era permeado por toda uma ideologia militar. Mas, para além dessa militância através da autodefesa, ao longo do tempo os Panteras desenvolvem também um outro braço: a tática de *servir ao povo*, de suprir à comunidade negra serviços que o Estado não entregava. Assim, nos escritórios do partido, o telefone não parava. Hora ligava uma mãe contando que as crianças negras sofriam agressão nas escolas. Imediatamente saiam três carros de militantes armados para patrulhar os corredores (BLOOM e MARTIN, 2013). Em seguida, idosos se queixavam de estar sendo assaltados ao receber suas aposentadorias. Rapidamente o partido cria um sistema de transporte e escolta para eles (ABRON, 2005). O povo reclama de fome. Além de seu famoso serviço de café da manhã para as crianças (uma política nacional do partido na qual, de acordo com Bloom e Martin (2013), só a unidade de Los Angeles alimentava 1.200 crianças por semana), apenas no ano de 1972, o partido organiza uma doação de 10.000 pacotes de alimento em três dias. 10.000 pacotes de alimentos que chegavam na casa das pessoas com uma pantera estampada na embalagem (ABRON, 2013). Em seguida, descobriram que o povo sofria de anemia. Imediatamente se lança uma campanha nacional de conscientização sobre a doença e, em suas clínicas médicas, realizam-se testes e tratamentos (BLOOM e Martin, 2013). Toda necessidade do povo negro era tomada como uma tarefa política a ser resolvida.

---

<sup>100</sup> No original: "He does not represent economic or industrial power because black people do not own the means of production. The only way he can become political is to represent what is commonly called a military power—which the Black Panther Party for Self-Defense calls Self-Defense Power. Black People can develop Self-Defense Power by arming themselves from house to house, block to block, community to community, throughout the nation".

Dessa forma, por mais que alegassem ser o partido do lumpen, a própria prática política dos Panteras carregava em si uma contradição, a contradição dele ser o partido, sim, do lumpen, mas também de uma outra parte da classe trabalhadora. As práticas mais ligadas à autodefesa e à organização militar parecem seguir a tendência por nós identificada de organizar o lumpen via aparato militar. As práticas de servir ao povo também favorecem o lumpen, mas parecem mais focadas à uma parte distinta da classe trabalhadora (desempregada ou não). Focada em trabalhadores que querem alimentar seus filhos antes de ir à escola, que querem uma saúde melhor. Não à toa, o famoso racha de 1971 se dará justamente a partir dessa contradição.

O problema era o seguinte: grande parte do dinheiro que sustentava os programas sociais vinha de doações de intelectuais, membros de outros partidos de esquerda, progressistas no geral, pessoas que, mesmo que rejeitassem a autodefesa, doavam para o partido por admirarem seus programas sociais. Um exemplo, mesmo que seja de um momento pós-racha, ilustra brilhantemente esse quadro: em 1972, John Lennon convida Bobby Seale, então presidente dos Panteras, para um programa de entrevista chamado “The Mike Douglas Show”. Eis como Lennon descreve Seale e seu partido: “[...] um cara legal e que tem muito a dizer. [...] Fez muita coisa, que não foi o que eu li nos jornais. [...] Há muita coisa sobre a Fundação [os Panteras], dar comida às pessoas, os programas de educação, e *queríamos ver esse lado deles* [...]” (LENNON, grifo nosso). À essa introdução, segue Bobby explicando em detalhes os programas do partido, os programas de café da manhã, a clínica médica etc. Mesmo que não fosse a intenção de Lennon, esse “queríamos ver esse lado deles”, expressa nitidamente o pensamento de muitos dos doadores, a admiração pelos programas sociais e a repulsa pela autodefesa. Em suma, depender de doações de pessoas que rejeitavam a luta armada exercia, inevitavelmente, uma pressão para que o partido abandonasse essa via. Por outro lado, uma corrente mais ligada à luta armada pressionava o partido exatamente no sentido contrário. Em 1971 uma seção dos Panteras de Nova Iorque publica uma carta aberta defendendo a tese de que “revolução é - em última análise - LUTA ARMADA - revolução é VIOLÊNCIA - revolução é GUERRA - revolução é DERRAMAMENTO DE SANGUE”<sup>101</sup> (BLOOM e MARTIM, 2013, p. 359, tradução nossa),

---

<sup>101</sup> No original: Revolution is —in the final analysis — ARMED STRUGGLE — revolution is VIOLENCE — revolution is WAR — revolution is BLOODSHED!

bem como criticando a direção do partido por “estar sobrecarregada de trabalho”, de tal maneira que “as perspectivas da luta armada - a real revolução - diminuem”<sup>102</sup> (BLOOM e MARTIM, 2013, p. 360, tradução nossa).

A contradição crescia, os ataques se multiplicavam. Enfim, no início de 1971, os conflitos aumentam a tal nível que a direção nacional do partido, defensora da tática de focar nos programas sociais (Huey Newton, David Hilliard) expulsa do partido a ala mais próxima à luta armada (Eldridge Cleaver e os Panteras de Nova Iorque). "Conforme as pressões externas e internas escalaram, as diferenças ideológicas se solidificaram, contrapondo a ênfase social-democrata do Comitê Central com a ênfase na guerra de guerrilha dos que divergiam”<sup>103</sup> (BLOOM e MARTIM, 2013, p. 367, tradução nossa). A contradição inerente à base do partido explode em lutas de facção. Um se divide em dois.

---

<sup>102</sup> No original: “[...] “leaders” become overwhelmed with “work”—then the prospects of armed struggle—real revolution—diminish”.

<sup>103</sup> No original: "As internal and external pressures mounted, ideological differences began to solidify, pitting the Central Committee’s social democratic emphasis against the breakaway Party elements’ emphasis on guerilla warfare”.

## 5. Considerações finais

Depois de toda a discussão desenvolvida nesta dissertação, perguntamos: afinal, o que é o lumpen? É uma classe, uma fração de classe, uma categoria? Sakay (2017), por exemplo, defende que o lumpen não é uma *classe social*, mas sim uma “categoria de classe” formada a partir de elementos heterogêneos, de todas as classes “expelidas” da estrutura de produção e distribuição. Não compartilhamos dessa opinião. Seguindo a tradição poulantziana, concebemos que categoria diz respeito a conjuntos sociais “[...] cujo traço distintivo repousa sobre sua relação *específica e sobredeterminante com estruturas distintas das econômicas*” (POULANTZAS, 2019, p. 82). Discutimos à exaustão o papel fundamental da (não)posição do lumpen nas relações de produção capitalistas, de tal maneira que, sendo a estrutura econômica essencial para sua constituição enquanto classe, não o consideramos uma categoria.

Desta forma, para podermos compreender o que é o lumpen, propomos, antes, nos deter sobre a distinção entre camada social e fração de classe. De acordo com Poulantzas, camada social é um efeito secundário “[...] da combinação dos modos de produção em uma formação social sobre as classes [...]” (POULANTZAS, 2019, p. 82). Ou seja, trata-se de um mecanismo específico de divisão de classe, um mecanismo que se diferencia do fracionamento por uma razão específica. Ainda segundo Poulantzas: “[...] as frações, na medida em que se tornam autônomas, são susceptíveis, ao contrário das camadas, de se constituírem em forças sociais” (POULANTZAS, 2019, P. 83). Frações, então, ao contrário das camadas sociais, podem se constituir em força social. Mas o que significa, afinal, ser uma força social? Significa “ter efeitos pertinentes”, significa que a existência econômica da classe gera efeitos “identificados tanto nas estruturas políticas e ideológicas quanto nas relações sociais políticas e ideológicas de classe” (POULANTZAS, 2019, p. 77). Significa que essa presença no nível econômico coloca um elemento novo nos demais níveis, elemento que não existiria sem essa presença. Como exemplo de “efeitos pertinentes”, Poulantzas destaca alguns: a existência de um fenômeno histórico que não existiria sem a presença econômica da classe ou fração (ex: bonapartismo no caso dos camponeses parcelares em 18 Brumário), o aparecimento de um partido, o desencadeamento de “[...] mudanças importantes de estrutura ou de estratégia do partido de *uma outra classe*” (POULANTZAS, 2019, p. 80), etc.

A partir dessa distinção defendemos que o lumpemproletariado pode ser concebido, a depender da conjuntura específica, *tanto como camada social quanto como fração de classe*. Por um lado, na análise de Marx em *O 18 Brumário*, por exemplo, acreditamos que o lumpen se configura enquanto camada social. Afinal, ele não possui partido próprio, não parece influir nem na estratégia nem na estrutura de nenhum partido e não é a classe principal representada por Bonaparte. “Bonaparte representa uma classe, mais precisamente, a classe mais numerosa da sociedade francesa: *os camponeses parcelheiros*” (MARX, 2011, p. 142). Claro, existia a “Sociedade 10 de Dezembro”, mas apenas ela não nos parece constituir um “efeito pertinente”. Trata-se, a nosso ver, de um caso em que “[...] essa presença não teria constituído um elemento novo [...], mas só teria se inserido, como variação, dentro dos limites circunscritos pelos efeitos pertinentes de outros elementos [...]” (POULANTZAS, 2019, p. 78).

Por outro lado, no caso dos Panteras Negras, nos parece difícil não sustentar que o lumpen seja uma fração de classe. Afinal, trata-se de um partido de escala internacional,<sup>104</sup> que se colocava explicitamente como o partido do lumpen negro<sup>105</sup>, que busca trazer para o partido aquele que “tem coragem o bastante para cometer um assalto” de maneira a “educá-lo politicamente, ensinando que assaltar não é a maneira de resolver os problemas sociais [...]”<sup>106</sup> (SEALE, 1970 p. 207, tradução nossa), e que tinha tal impacto na cena nacional que fez o diretor do FBI, Edgar Hoover, afirmar em 1969 que “o Partido dos Panteras Negras, sem dúvida, representa a maior ameaça interna para a segurança do país<sup>107</sup>” (BLOOM e MARTIN, 2013, p. 210). E mesmo que nos rebatam alegando que o lumpen que os Panteras buscavam representar consistia também de proletários desempregados, neste caso, lembramos que

---

<sup>104</sup> Os Panteras tinham, por exemplo uma seção na Argélia liderada por Eldridge Cleaver (BLOOM e MARTIN, 2013, p. 309-338).

<sup>105</sup> “O povo negro oprimido - o lumpemproletariado - não tinha uma organização estruturada para representar seus verdadeiros interesses até que o Partido dos Panteras Negras surgiu de dentro da comunidade, motivado pelas necessidades e pelas condições do povo” (NEWTON, 2002, p. 210, tradução nossa).

No original: “Oppressed Black people -the lumpen proletariat - did not have a structured organization to represent their true interests until the Black Panther Party arose from within the community, motivated by the needs and conditions of the people”.

<sup>106</sup> No original: “who probably has got the guts enough to commit a robbery, but who we want in the Party so we can politically educate him that robbery isn't the way to go about solving the social problems”.

<sup>107</sup> No original: “the Black Panther Party, without question, represents the greatest threat to the internal security of the country”.

acabamos de demonstrar os profundos efeitos do lumpemproletariado na tática do partido (valorização da luta armada, ataque aos programas sociais), efeitos esses, em grande parte, responsáveis pelo racha de 1971. Mesmo que aceitemos a tese de que os Panteras não são um partido do lumpen, nos parece muito difícil negar sua influência na estrutura e na estratégia do partido. Seguindo os critérios estabelecidos acima, nos parece relativamente segura a tese de que o lumpemproletariado organizado pelo Partido dos Panteras Negras era uma fração de classe.

Por fim, como já dissemos, a bibliografia sobre o lumpemproletariado é ainda bastante escassa e insuficiente, de tal forma que encerramos esta dissertação, não com uma resposta fechada, mas com uma porção de novas questões e desafios, dentre os quais destacamos: 1) qualificar melhor a (não)relação do lumpen com os AIE burgueses; 2) explorar a relação entre racismo e lumpenização; 3) realizar estudos específicos de suas formas de organização política; 4) estudar suas relações com diferentes classes sociais (alianças, classe-apoio etc.). Enfim, na introdução, comparamos esta pesquisa à exploração de um terreno ainda virgem. E é justamente isso que esperamos ter entregado: linhas gerais de um grande espaço da teoria marxista ainda profundamente desconhecido. Se conseguimos ou não, caberá ao tempo dizer.

## 6. Referências

ABDULLAH, Ibrahim. Cultura, Consciência e Conflito Armado: Os Déclassés (Lumpemproletariado?) de Cabral na era da Globalização. In: LOPES, Carlos. **Desafios Contemporâneos da África. O legado de Amílcar Cabral**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

ABRON, JoNina M. “Serving the People”: The Survival Programs of the Black Panther Party. In: JONES, Charles, E. **The Black Panther Party [Reconsidered]**. Baltimore: Black Classic Press, 2005.

ANDERSON, Kevin, B. **Marx at Margins: on nationalism, ethnicity, and non-western societies**. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. Lisboa: Editora Presença, 1970.

AVRICH, Paul. Preface. In: DOLGOFF, SAM. **Bakunin on Anarchy**. Nova Iorque: Vintage Books, 1972.

BADIOU, Alain. **Abrégé de Métapolitique**. Seuil, 1998.

BADIOU, Alain, et al. **The rational kernel of the hegelian dialectic**. Melbourne: re.press, 2011

BAKUNIN, Mikhail. **Bakunin on Anarchy**. Nova York: Vintage Books, 1972.

BARROW, Clyde W. **The Dangerous Class: The Concept of Lumpenproletariat**. University of Michigan Press, 2020.

BLOOM, Joshua e MARTIN Jr, Waldo E. Black Against Empire. **The History and the Politics of the Black Panther Party**. Berkeley: University of California Press, 2013.

BOITO, Armando. **Estado, política e classes sociais: ensaios históricos e teóricos**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

BUKHARIN, N. As Classes e a Luta de Classes. In: BUKHARIN, N. **A Teoria do Materialismo Histórico: Manual Popular de Sociologia Marxista**. 1933. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/portugues/bukharin/1921/teoria/cap10.htm>>. Acesso em 19 Jul 2020.

BUSSARD, Robert, L. The 'Dangerous Class' of Marx and Engels: The rise of the idea of the lumpenproletariat. **History of European Ideas**. v 8, n. 6, p. 675-692, 1987.

CABRAL, Amílcar. **Revolution in Guinea**. Londres: stage 1, 1974, p. 46-61.

CASANOVA, Pablo González. **Las Nuevas Ciencias y las Humanidades. De La Academia a la Política**. Buenos Aires: CLACSO, 2017.

CLEAVER, Eldridge. Carta Aberta a Stokely Carmichael. In: MANOEL, Jones e LANDI, Gabriel. **Raça Classe e Revolução: A Luta Pelo Poder Popular nos Estados Unidos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

CLEAVER, Eldridge. **On the Ideology of the Black Panther Party**, 1970.

CLEAVER, Eldridge. Sobre a Ideologia do Partido dos Panteras Negras. In: MANOEL, Jones e LANDI, Gabriel. **Raça Classe e Revolução: A Luta Pelo Poder Popular nos Estados Unidos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

DRAPER, Hal. The Lumpen-Class versus the proletariat. In: DRAPER, Hal. **Karl Marx's Theory of Revolution, Vol. 2, The Politics of Social Classes**. Déli: Aakar, 2011.

ENGELS, Friedrich. **A Revolução Antes da Revolução: As Guerras camponesas na Alemanha. Revolução e contra-revolução na Alemanha**. São Paulo, Expressão Popular, 2010, 2 ed.

ENGELS, Friedrich. **The Condition of the Working Class in England**. Londres: Penguin books, 1987.

ELEY, Geoff. **Forging Democracy: The History of the Left in Europe, 1850-2000**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2002.

FANON, Frantz. **A Dying Colonialism**. Nova Iorque: Grove Press, 1994.

FANON, Frantz. **Les Damnés de la terre**. Paris: La Découverte, 2002.

FANON, Frantz. **Peur noire, masques blancs**. Paris: Seuil, 2015.

FEDERICI, Silvia. **Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation**. Nova Iorque: Autonomedia, 2014. 2ed.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2011.

FRÖHLICH, Paul. **Rosa Luxemburg**. Chicago: Haymarket Books, 2010.

FRANKLIN, B. **The Lumpenproletariat and the Revolutionary Youth Movement**. 2014. Disponível em: <https://anti-imperialism.org/2014/04/06/the-lumpenproletariat-and-the-revolutionary-youth-movement/>>. Acesso em 19 Maio. 2019.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere. Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, 4. ed.

HARRISON, Linda. Sobre o nacionalismo cultural. In: MANOEL, Jones e LANDI, Gabriel. **Raça Classe e Revolução: A Luta Pelo Poder Popular nos Estados Unidos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

HAMPTON, Fred. **It's A Class Struggle Goddammit!, November**, 1969. Disponível em: <http://www.lfks.net/en/content/fred-hampton-its-class-struggle-goddammit-november-1969>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

HAIDER, Asad. **Armadilha da Identidade**. São Paulo: Veneta, 2019.

HALL, Stuart, et al. **Policing The Crisis: Mugging, the State, and Law and Order**. Hong Kong: The Macmillan Press LTD, 1978.

HAMPTON, Fred. **Power Anywhere Where There's People**, 1969. Disponível em: <https://www.historyisaweapon.com/defcon1/fhamptonspeech.html>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

HOBSBAWM, Eric. **Primitive Rebels**. Manchester: The University Press, 1995.

HO CHI MINH. O caminho que me levou ao Leninismo. 2020. Disponível em: <https://www.novacultura.info/single-post/2020/04/21/Ho-Chi-Minh-O-Caminho-Que-Me-Levou-ao-Leninismo>>. Acesso em 01 Ago 2020.

HORNE, Gerald. **Fire this time: The Watts uprising and the 1960s**. Virginia: University Press of Virginia, 1995.

KAUTSKY, Karl. **Terrorismus und Kommunismus: Ein Beitrag zur Naturgeschichte der Revolution**. Severus Verlag, 2011.

KHALFA, Jean. Frantz Fanon's Library. In: KHALFA, Jean e YOUNG, Robert J. C. **Frantz Fanon Alienation and Freedom**. Londres: Bloomsbury Academic, 2018.

KNIGHT, Ryan Allen. Anarquismo Anticolonial ou Anticolonialismo Anarquista: Diálogos entre Bakunin e Fanon. In: **Anarquismo Anticolonial**. Feira de Santana: Adandé, 2018.

LAZZARATO, Maurizio e ALLIEZ, Éric. **Guerres et Capital**. Paris: Amsterdam, 2016.

LENIN, Vladimir. **Guerrilla Warfare**. 2000. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1906/gw/>. Acesso em: 13 Jul 2021.

LENIN, Vladímir Ilitch. **O Estado e a Revolução**. São Paulo: Boitempo, 2007.

LENIN, Vladímir Ilitch. **O Imperialismo Fase Superior do Capitalismo**. Lisboa: Progresso, 1984. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/index.htm>. Acesso em: 20 Jul 2020.

LENNON, John. **Youtube**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q-HES64-D7w&t=3195s>.

LONDON, Jack. **Gesammelte Werke: Romane und Geschichten**. Null Papier, 2018.

LOSURDO, Domenico. **Entrevista à Nova Cultura**, 2017. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/losurdo/2017/04/06.htm>. Acessado em 10 de Abr de 2020.

MAO TSE-TUNG. **Ausgewählte Werke**: Peking, 1968, v. 1.

MAO TSE-TUNG. **Obras Escolhidas v. 4**. São Paulo: Alfa Ômega, 1979.

MAO TSE-TUNG. **Textes choisis de Mao Tsetoung**. Pekin, 1972.

MACCANNE, Michael. **Os Panteras Negras, os Jovens Patriotas e a coalizão arco-íris**. Jacobin Brasil, 2019. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2019/12/os-panteras-negras-os-jovens-patriotas-e-a-coalizao-arco-iris>. Último acesso 08 Jun 2020.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **A Cena Contemporânea**. Curitiba: Antoniofontoura, 2020.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **As Lutas de Classes na França**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **Guerra Civil na França**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. O Manifesto do Partido Comunista. In: BOTHELO, André, **Essencial sociologia**: São Paulo, Penguin, 2013.

MATTOS, Marcelo Badaró. **A Classe Trabalhadora de Marx ao nosso tempo**. São Paulo, Boitempo, 2019.

MIA (The Marxists Internet Archive). **Encyclopedia of Marxism: Glossary of Terms. [German Social-Democratic Labour Party]**. Disponível em: <[marxists.org/glossary/orgs/g/e.htm#gsdlp](http://marxists.org/glossary/orgs/g/e.htm#gsdlp)> Acesso em: 19 Jul 2020.

MIRRAJIZ, Pablo G. Gayoso. **Lumpemproletariado: Conceito e Perspectiva**. 2018. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

NEWTON, Huey P. **The Huey P. Newton Reader**. Nova Iorque: Seven Stories Press, 2002.

POULANTZAS, Nicos. **Poder Político e Classes Sociais**. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

PRASHAD, Vijay. **Red Star over the Third World**. Nova Delhi: Left World Books, 2017.

READ, Jason. **The micro-politics of capital: Marx and the prehistory of the present**. Nova Iorque: State University of New York Press, 2003.

SAID, Edward W. **Orientalism**. Londres: Penguin Books, 2003.

SAKAI, J. **Mao z's revolutionary laboratory & the lumpen/proletariat**. Montreal: Kersplebedeb, 2017.

SAKAI, J. **The “Dangerous Class” and Revolutionary Theory: Thoughts on the Making of the Lumpen/Proletariat**. Montreal: Kersplebedeb, 2017.

SEALE, Bobby. **Seize The Time: The Story of the Black Panther Party**, 1970.

SHANIN, Teodor. **Marx tardio e a via russa: Marx e as periferias do capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

SCHRAM, Stuart. **Mao Tse-Tung**. Grã-Bretanha: Penguin Books, 1966.

THOBURN, Nicholas. Difference in Marx: the lumpenproletariat and the proletarian unnamable. **Economy and Society**. v. 31, n. 3, p. 434-460, Ago 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. Eighteenth century English society: class struggle without class? **Social History**. v. 3, n. 2, p. 133-165, 1978.

THOMPSON, Edward Palmer. **The making of the English working class**: Nova Iorque, Vintage books, 1966.

TROTSKY, Leon. **Fascism: What it is and how to fight it**. 1993. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/trotsky/works/1944/1944-fas.htm#p2>>. Acesso em: 19 Jul 2020.

TROTSKY, Leon. **Terrorism and Communism**. Nova Iorque: Verso, 2007.

THE GREAT SOVIET ENCYCLOPEDIA, "**Lumpen Proletariat**". 3 ed, 1970-1979. Disponível em: <<https://encyclopedia2.thefreedictionary.com/Lumpen+Proletariat>>. Acessado em 19 Jul 2020.

VAN DER LINDEN, Marcel . Proletariado: conceitos e polêmicas. **Outubro**. n. 21, p. 58-79, 2013.

WILLIAMS, Jakobi. **From the Bullet to the Ballot. The Illinois Chapter of the Black Panther Party and Racial Coalition Politics in Chicago**. Carolina do Norte: The University of North Carolina Press, 2013.

WOLF, Eric E. **Peasant Wars of the Twentieth Century**. Nova Iorque: Harper and Row, 1969.

WORSLEY, Peter. Frantz Fanon and the "Lumpenproletariat". **The Socialist Register**. v. 9. Jan 1972.

YAZBEK, Mustafa. **A Revolução Argelina**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.